

FRENTE E VERBO:

O LADO DE QUEM

FAZ A NOTÍCIA



Amanda Leal e Jyeniffer Taveira

Amanda Leal e Jyeniffer Taveira, 2020.

Frente e Verbo: O lado de quem faz a notícia /

Amanda Leal e Jyeniffer Taveira - Goiânia.

Projeto de Conclusão de Bacharel no curso de Jornalismo.

Universidade Pontifícia Universidade Católica de Goiás

Revisão: Rogério Borges

Ilustrações: Ludsmile

Projeto gráfico: Natalia Curupana

Índice para catálogo sistemático:

I. Jornalismo. II. Livro reportagem. III. Crônicas.

FRENTE E VERBO:

O LADO DE QUEM

FAZ A NOTÍCIA



Amanda Leal e Jyeniffer Taveira

Sumário

Agradecimentos.....	07
Para todos os tipos de leitores.....	10
Tive a impressão que as palavras mudam tudo.....	13
O movimento da mudança.....	17
É dia de pensar fora da caixa.....	34
Toda superfície plana é um distrativo em potencial....	39
Aonde chegam as ondas do Rádio?.....	53
Outra história de rádio.....	55
Sintonizando.....	60
Assessoria de comunicação intergaláctica.....	80
Quem tem boca vai ao Instagram.....	83
O Fluxo da Água.....	94
O poder da informação ou da desinformação.....	98
Tentativa de entender o futuro.....	107
É preciso coragem e ser gentil.....	111

*Dedico este livro à minha tia, Erenice Leal Marques,
enfermeira da linha de frente no combate ao Covid-19.
Que sua dedicação e coragem não sejam esquecidas.*

Amanda Leal

*Dedico este livro a Solidade Taveira e Heloise Taveira.
Mãe e irmã que me inspiram a respeitar a mulher que
sou e o mundo a minha volta.*

Jyeniffer Taveira

Agradecimentos

Os primeiros agradecimentos de Amanda são para seus pais, Sônia e Everaldo Leal, que sempre incentivaram seus sonhos mais altos e nunca mediram esforços para que sua educação fosse a melhor. Em segundo lugar, a suas irmãs, Maria e Isabella, que presenciaram toda a sua trajetória pessoal e acadêmica de perto e observaram a reta final de seu trabalho com gentileza, oferecendo sempre um ombro amigo e palavras de conforto nos momentos difíceis. Em terceiro lugar, à bisavó Maria Ribeiro e aos avós, Flora e Raul Rodrigues e Lourdes e Benedito Leal, que foram seus melhores professores desde a infância e aos tios Neire, Eduardo, Nancy, Aparecida, Eliazar, Conceição e Anilton, que sempre a cercaram de amor, proteção e confiança. Por parte de Jyeniffer, o agradecimento principal vai a sua mãe, Solidade Taveira. Aos demais familiares que ofereceram suporte durante sua jornada de crescimento individual e acadêmica, ela também é grata, com especial carinho a Divina Almeida, sua tia. Os laços de afeto

que construímos ao longo da vida também são fonte de felicidade e apoio. Desta forma, os agradecimentos se estendem a Gabriel Vaz e Geisa Peixoto, pessoas amadas que acreditam no significado que ela dá ao mundo através das palavras.

Os amigos são a família da qual escolhemos fazer parte, os que nos conhecem desde que aprendemos a escrever nossos nomes, ou os que tomam café da manhã conosco nos corredores da faculdade, os que nos deixam doces lembranças quando partem ou os que estão ao nosso lado sem nunca esmorecer. Amanda agradece a todos os amigos que fez no curso de jornalismo, eles têm um espaço especial em seu coração e jamais serão esquecidos. Ela agradece também ao carinho, dedicação e apoio dos grandes amigos Marcella Marques, Ludmila Vaz, Johann Maravieski, Monalisa Mendonça, Daniel Barbosa e Daniel Bernardoni que a ofereceram mais do que ela jamais sonhara. Ambas acreditam que seu orientador Rogério Borges tenha se tornado um grande amigo durante o período de produção do trabalho e agradecem a ele por toda a paciência e dedicação com seu livro. Um agradecimento final a todos os profissionais da imprensa por emprestarem ao mundo seu olhar sobre os fatos, em especial aos entrevistados desta obra que tornaram nosso trabalho mais completo.



Para todos os tipos de leitores

O que adianta ter dinheiro se você não pode escolher como vai gastá-lo? Lá na empresa eles fornecem um “extra” para gastos culturais. Eu não sou muito disso, acabo não tendo tempo para nada além dos projetos da própria empresa, mas é meu dinheiro e eu resolvi que vou gastá-lo. Trago o relógio de pulso para perto da boca e questiono em voz alta quais as opções culturais na cidade.

Teatros, shows, espaços de submersão, cinemas e, para minha surpresa, um museu físico no centro da cidade. Com um toque procurei mais informações na aba de pesquisa, mas o lugar praticamente não existia. Só havia seu endereço, nada de avaliações, não havia imagens dos visitantes, nem redes sociais. Nada. Gastei alguns quilômetros para verificar de perto aquela relíquia. Quando estacionei, percebi que se estendia por todo o quarteirão. Com paredes laranja desbotadas, ocupando um espaço que poderia ser de um projeto visionário. Mal pisei na calçada e senti as ruas ao redor

clamarem por um empreendimento moderno, que ocupasse o espaço daquela atrocidade pré-histórica. Quase pude ver um prédio se erguendo diante dos meus olhos, sorri com essa visão.

Entrei, não havia leitor de impressão digital, de retina, nada do tipo. O espaço esqueceu de morrer e seu corpo permanecia em decomposição no coração de uma cidade que construía sua evolução em edifícios cada vez mais altos. Como você deve imaginar, só havia eu e a recepcionista, de nome Corine. Pensei que estava mais para Caronte, e como o barqueiro da mitologia, me conduziria direto ao inferno. Não o fez. Mal olhou nos meus olhos e me entregou um ingresso em papel, cobrou 5\$ e quase caiu de sua cadeira de rodinhas quando perguntei pela maquininha de crédito.

O ingresso faz parte das obras expostas? – perguntei em tom de deboche.

Ela me devolveu um sorriso amarelo e apontou em direção ao primeiro corredor. Qualquer atendimento digitalizado me proporcionaria uma experiência mais humanizada. O primeiro corredor era repleto de xilogravuras e outras técnicas que impressionavam só o papel no qual eram trabalhadas. Já arrependido de estar ali, levei meu olhar e meus pés para outro lugar. Caí na ala da comunicação.

Máquinas de escrever, jornais, edições de revistas, fotografias já amarelas, notebook e até os esquecidos smartphones. Me aproximei e para minha surpresa, ao ler as placas descobri que os informativos impressos duraram até demais. Há décadas eles ainda dividiam espaço com tecnologias já práticas, como os tablets. Como essa gente antiquada optava por sujar os dedos quando um click resolveria tudo? Ao lado da velharia, o item mais moderno do museu: uma tela interativa que reunia em uma prateleira virtual alguns livros, desses autores que ninguém jamais ouviu falar. Com assuntos que ninguém jamais quis ler. Um deles me chamou a atenção. Uma dupla. Só abri o livro de duas mulheres porque a capa com cores vibrantes e recortes tendenciosos estava fazendo um escândalo perto das demais capas discretas. O primeiro capítulo falava do engatinhar da imprensa. Com a curiosidade de quem não lê sobre o quarto poder há anos e duvidando da ousadia de quem tentou escrever, passei para a próxima página.

Tive a impressão que as palavras mudam tudo

Mainz é uma dessas cidades de tom sépia que contrastam com o azul sutil do céu. As ruas são silenciosas até que uma moradora encontre outra. O Rio Reno que margeia a cidade nunca trouxe muito movimento enquanto eu estive ali. As águas de longa extensão são muito sábias, não carregam muitas palavras, aliás talvez carreguem, mas eu nunca soube. Elas ficam soltas no vento e apesar da boa intenção, ao sussurrar nos dias mais frios, eu não compreendo o que quiseram dizer. É uma tragédia sem forma, uma dor que se dá ao mundo quando algo se perde tão rapidamente.

Eu sempre vi curioso a catedral de Mainz. Imaginava o que os monges faziam por tanto tempo em um lugar tão parado. Nunca tive grandes pretensões de movimentar o mundo, ora, meu mundo foi Mainz e Estrasburgo e sempre foi suficiente. Ao me mudar da minha cidade natal, permiti que as pedras preciosas ocupassem minha mente. Fazer jóias não é tão fácil, requer olhos gentis e que não se deslumbrem tão facil-

mente com a possibilidade que suas cores permitem. Nas minhas mãos sujas, as esmeraldas brutas aos poucos ganham luz. Essa é minha magia, dar expressão a colares e anéis que adormecem sobre peles sem vida para despertar para elas olhares de encanto.

Dividi meus dias com as joias e as leituras. Os livros escritos a mão pelos monges tão dedicados transmitiam saberes religiosos e eles os faziam com a paciência de uma vida inteira. Era esse o prazo para que um novo livro surgisse. Mas eles nem sempre chegavam até mim, nada era fácil. Por que não era?

E se talvez eu pudesse ajudar? Com a mesma atenção que dei às joias, dei às letras. Detalhei com metal fundido suas formas. Presas em si mesmas elas ganhavam o mundo. Estavam ali e poderiam ser prensadas sobre um papel de modo que tudo se desenhasse quase sozinho. Não foi tão simples, elas se inverteram muitas vezes até que eu escrevesse de forma coerente minha contribuição ao mundo, mas aconteceu. Minhas letras, ou tipos gráficos se preferir, permitem que você chegue aqui. Sem provas escritas, sem documentos, pois antes de mim não se registrava no papel de maneira tão massiva, mas a minha existência está nos sussurros do vento, na sua imaginação e nas linhas da história.

Muito prazer, eu sou Johannes Gutenberg e nunca pude ler o impacto da minha invenção na humanidade,

mas o conhecimento grita nas esquinas, nos anúncios, nos letreiros e acima de tudo iluminam sua mente. As palavras impressas mudaram o mundo, você não tem essa impressão?

O movimento da mudança

A necessidade de propagar informação acompanha a humanidade desde sempre. Imagine viver em um mundo onde as coisas acontecem e ninguém fica sabendo, nem um mês depois, nem após 50 anos. A disseminação dos fatos é parte inerente deles. Alguns dos primeiros registros do que consideramos notícia hoje aconteceram junto ao desbravamento do mundo, os grandes navios que se lançavam ao mar e levavam cartas que narravam os acontecimentos. Até que a informação chegasse ao seu destino, tudo já era velho. A partir daí e com o maior alcance das prensas gráficas, o mundo passou a se aproximar mais da imprensa escrita. O medo que os portugueses tinham do pequeno Napoleão fizeram com que o “empreendimento colonial” se estabelecesse no Brasil. No princípio, os poucos privilegiados que sabiam ler precisavam importar páginas impressas.

Somente em 1746 foi instalada uma oficina de tipografia em solo nacional, a primeira tentativa de estabelecer aqui a arte de imprimir usando os tipos, ou seja, as

letras. Mas como gentil só é a mãe dos filhos deste solo, no ano seguinte as autoridades de Lisboa mandaram que a oficina fosse fechada. Qualquer texto escrito por aqui deveria ser impresso na Europa, ou permanecer assim, manuscrito. Algum tempo depois, com a chegada do príncipe regente Dom João VI e toda a corte portuguesa, em fuga de Napoleão, foi criada a Imprensa Régia, ou seja, as informações que partiam da casa real passaram a ter formato noticioso. O palco foi o Rio de Janeiro. Claro que os “bons costumes” jamais podiam ser desrespeitados, a imprensa brasileira nasce com apenas um lado da verdade, mas nasceu, em 1808, primeiro com um jornal editado em Londres por Hipólito da Costa, o Correio Braziliense, em seguida com a Gazeta do Rio de Janeiro, o primeiro jornal impresso e distribuído no Brasil, ainda sem ares de crítica social é claro.

Os anos passam, nossa independência ganha cor e também formas de páginas, surgem os chamados Pasquins, folhetos de tom mais crítico, as ideias são propagadas. Apesar da periodicidade incerta e de vida curta, os modelos serviam para dar voz aos muitos pensamentos políticos, assim como é hoje. Jornais são como marcas de cerveja, você pode achar que a sua preferida é a mais encorpada, enquanto uma outra tem gosto de água, mas a verdade é que cada uma delas caminha nos passos de uma ideia, mas não exatamente a lei da pureza,

ela não existe nos impressos. O mundo se transforma, as correntes mudam e a imprensa precisa acompanhar esse movimento. Talvez o ingrediente principal esteja sempre presente, a noticiabilidade. Mas o erro do leitor é acreditar que as outras marcas não têm suas notas de verdade, ou pior ainda, consumir sem consultar o rótulo e refletir a respeito do que leu. Se você não gosta de nenhuma cerveja, não tem problema. A notícia escrita existe para todos os gostos: crônica, nota, artigo, comentário, resenha, tudo cabe no jornal de hoje. Amanhã estará vencido, o amanhã que nasce e não ilumina as incertezas com novas respostas, não cabe. A capa e as manchetes têm espaço limitado.

O jornal impresso é isso, a receita consultada para novas criações. Tudo o que se faz e tudo o que falha no jornalismo é tentativa do que deu muito certo um dia. Dar certo é ter a credibilidade das pessoas. Você já se perguntou na imensidão que é confiar em alguém, em quantas pessoas você confia? Além de profunda, a confiança é delicada, é um laço estreito que não aperta e se desata fácil, mas o que você lê no impresso é resistente, é um pilar que se consolidou através do tempo.

Nossa democracia nasceu e tenta até os dias atuais se manter legível como uma folha de jornal impresso colocada no lugar errado. Nossa democracia escapou pelos dedos e depois de mortes sangrentas e ossos enterrados

retornou. Os dias correram, a vida acontece e o impresso não morre. Se transforma. Hoje as páginas ganharam o meio virtual, e mais: adaptaram-se às configurações que elas trazem. Você já entrou em uma redação? As máquinas de escrever deram lugar a computadores modernos, o barulho das teclas é mais silencioso, elas não estão mais presas a longas barras de ferro. Se a pressão dos seus dedos não for suficiente, o risco de uma letra sair incompleta não existe mais; se você errar também não é o fim do mundo, tudo pode ser rapidamente “deletado”. As cadeiras estão mais cheias, tem menos jornalistas andando por aí. Me arrisco a dizer que as ruas do mundo inteiro estão mais silenciosas também, não porque o profissional fala muito, mas porque ele sempre preenche o silêncio com uma dúvida. Talvez você acredite que o jornalista precisa falar bastante, mas nada como saber escutar. Quando alguém te olha nos olhos, procura neles as respostas que faltam e logo em seguida anota em um bloquinho, saiba que o mundo ganha um pouco mais de informação.

A realidade é que o mundo perde sempre que um especialista em perguntar se senta em uma cadeira e escreve apenas com as muitas informações que a internet tem. O mundo virtual tem tudo, mas não tem cor, não tem cheiro e muito menos a sinceridade de um olhar, não tem a verdade que se esconde em um gesto, não tem uma nova pergunta que pode surgir por causa de

um porta-retrato sobre a mesa do entrevistado. Mas redação cheia e entrevista por aplicativo de mensagem é mais barato. Quando você se recusa a saborear um texto repleto de vida, ou quando as cinco linhas de informação te satisfazem, um jornalista morre em algum lugar. Existe uma lenda: sempre que um aspirante a jornalista percebe a realidade da profissão, corre para dar sua criatividade à publicidade. São tempos sombrios, de muita propaganda e pouca informação. Mas nem tudo são dores, a internet amplia o alcance da informação.

Ton Paulo é um jornalista que nasceu no novo modelo de redação. Sua fala é marcada por palavras-chave e períodos curtos, os assuntos não se prolongam muito e antes que se perceba um tema já terminou para começar outro igualmente breve. É que o jornalista do digital não tem muito tempo, sabe? Tudo acontece agora e não esperamos mais que um navio chegue com a informação. Em menos de 60 minutos, todo mundo com um aparelho conectado à internet sabe do desenrolar dos fatos. TIC TAC.

“A cada ano que passa, o jornalismo fica mais dinâmico e mais difícil de fazer. Isso porque vivemos uma era muito imediatista.” Mas a ponderação de Ton não significa que o jornalismo perdeu sua essência. “O jornalismo atual mantém o compromisso com a verdade, mas podemos dizer que o tempo para isso é cada vez mais curto”, acrescenta.

Por mais natural ou discreta que possa ser, as mudanças afetam mais que rotinas ou a evolução de aparelhos tecnológicos. Quando o modelo de algo tão comum deixa de ser o que era é possível perceber a mudança na personalidade das pessoas, nas ações, na forma como elas percebem o mundo e na forma como absorvem as informações também. Com a experiência no meio virtual, Ton coloca o tempo como um dos principais fatores que fazem alguém ler ou não aquilo que ele escreveu. “A pessoa não vai clicar na sua matéria falando sobre a aprovação de um pacote no Congresso sendo que o jornal B deu essa notícia ontem de manhã. A pessoa já leu aquilo.” O jornalista, se pudesse, se dividiria em dois, um para ficar na redação, se preocupando com a atratividade da manchete, com o valor notícia que sobrevive no meio digital, com as técnicas que darão visibilidade para a informação; e o outro passaria o tempo andando pelas ruas, do centro à periferia da cidade, tomando um café e ouvindo tudo que lhe quiserem contar. Aliás, o jornalista já faz isso, ele está dividido, pois a alma dele anda por aí com muita atenção e curiosidade.

O novo jornalista é
formado de esperança?

Sair da faculdade e pisar no solo da realidade é como dormir e de repente, sonhar que está caindo. Não é só

pela incerteza do lugar, mas pelo susto. Finalizar uma etapa sempre atrai um desafio, mas é preciso editar as vírgulas e colocar pontos finais para que novos períodos comecem. Também é necessário compreender o significado de cada passo, respeitá-los e olhar com carinho para o que passou. Isabel Cristina se formou há apenas dois anos. Para ser jornalista é preciso ter uma malinha na mão e, acima de tudo, aprender que dentro dela devem estar aqueles momentos ímpares em que você olha pra si e se enxerga mais forte, mas aqueles em que esteve mais frágil também. A beleza reside no significado que damos aos elementos que nos cercam. As orquídeas por exemplo, são flores peculiares. Elas desabrocham de uma forma que uma pétala dá suporte para a outra. Mesmo assim, a beleza de nenhuma delas se sobrepõe, pelo contrário, no fim cada flor se exhibe com um equilíbrio monumental.

Isabel foi até Piracanjuba, uma cidade do interior de Goiás, para gravar com as orquídeas. Os trabalhos acadêmicos exigem essa disposição, mas imagine que ao se ver diante das lentes de uma câmera para contar sobre a feira das orquídeas, o nervosismo fez seus olhos se encherem de lágrimas e por motivos que não caberiam nem em um milhão de vasos, sua reação foi de não conseguir gravar. Entender o assunto, escolher as palavras certas para falar sobre ele e pensar que sua imagem está ali, vulnerável, exposta. Tudo isso pode ser mais apreen-

sivo do que parece. O jornalista também é gente, e é gente de sentimento instável e muita coragem. Não se sabe se a feira das orquídeas também tinha trevo de quatro folhas, mas Isabel ficou no curso, gravou a passagem com o rosto vermelho e anos depois pegou seu diploma assim também. É fácil se deixar emocionar ao encarar o mundo, mais fácil ainda é dar de cara com a ignorância do agora, “Uma vez eu fui cobrir a vinda do Bolsonaro - como sempre, ele - aqui em Goiânia. Eu fiz a matéria e publiquei o print nos stories, aí o pessoal caiu matando, começou a me mandar um monte de mensagens me xingando de vagabunda. Nossa, foi horrível, horrível, horrível! Eu tive que, mais ou menos, sumir do Instagram por um tempo pra conseguir fazer essas pessoas me esquecerem”, conta a jornalista recém-formada. O espaço da internet é deserto, árido, com escorpiões. Quem dera fossem cactos. Qualquer imbecil que saiba escrever, às vezes nem isso, se considera no direito de ofender. E mesmo com anos de evolução, ainda assim matam o mensageiro se o conteúdo da mensagem não agrada. Que atire a primeira bolinha de papel o jornalista que não sentiu medo de escrever sobre algo, que leia mais o leitor que nunca julgou um profissional da imprensa pelo que ele escreveu ou falou.

Isabel também é uma das jornalistas que sentem o sabor e a dor de informar na era digital. Com experiên-

cia no jornalismo impresso e no digital, ela não vê um futuro sem um dos dois. Na verdade, com poucas palavras, ela sonha um futuro bem mais frutífero. “Eu quero um futuro melhor para nós jornalistas, que a gente mantenha nossa liberdade de expressão em uma sociedade mais igualitária.”

O desejo profundo que ecoa pelos ares das novas redações é que a liberdade não se torne uma palavra de grades. O anseio é que os caracteres reduzidos não tirem a beleza que só o jornalista vê na da dor:

“Quando eu escrevo assim forçada, me fogem as rimas, escapam pelos dedos a poesia que reside na naturalidade. E nesses momentos me sinto uma criança que se refugia no colo da mãe, mesmo após sentir daquelas mesmas mãos o peso de um erro infantil.

É assim porque eu mesma escolhi um lugar onde pudesse esbravejar e me calar com a delicadeza das letras. Posso, é verdade, mas nem toda pauta pode ser revirada ao avesso, nem toda pauta tem uma fissura, um detalhe que se possa cutucar. Às vezes elas são rudes, são vestidas por roupas pesadas e nem o mais delicado toque pode despi-las.

Pautas são cordas que balançam no ar e quando não se pode mais sentir falta do chão elas enforcam a criatividade. Na impunidade do tempo, vítimas ficam pelo caminho, fontes não são ouvidas e histórias doces não

estampam o jornal. No virar de uma ampulheta, adormece a vontade de dar voz a aqueles que não são ouvidos e ouve-se os gritos de quem procura um emprego, com um terço do piso.

Ah, o piso, a comodidade de quem tem lugar para apoiar os pés, de quem pode adejar e ter para onde voltar. Não deixem que eles saibam que eu te conto esse segredo, mas os amantes de aventuras só o são quando têm lar para regressar. Essa morada é uma casa engraçada, você pode fazer uma lista do que não tem?

Aos prantos ela acaba por funcionar, porque apesar de ninguém a ver com atenção, sai dela a pedra preciosa da informação. No final do dia, não me importa o que tem por trás. Não quero saber dos papéis de jornal que vêm do Oriente, das máquinas que imprimem uma cor por vez, do Diário do Amanhã que faliu ou da sala nova que se abriu no setor Bueno com 11 pássaros engaiolados. Eles cantam, pedindo socorro e você lê as manchetes com a mesma rapidez de quem passa para a próxima história.

“Por favor não publique essa parte”, me disse em entrevista um dos pássaros. Em regime semiaberto, o canário trabalha em casa agora, tudo que ele almeja é sentir a liberdade nos pulmões, tudo que ele tem é uma pauta engavetada e uma rotina limitada.”

Jardim do Éden do jornalista

Existe um lugar onde as inseguranças são minimizadas, onde o jornalismo pode abrir as asas e permanecer em voo estável. As redações estão em processo de transformação, mas algumas vão contra a maré e ganham espaço, ganham mais profissionais que se dividem entre cadeiras e ruas.

A redação do jornal O Popular, em Goiânia é um desses lugares. Existe café à disposição, quadros pintados para todos os lados, que não brigam por espaço com os inúmeros televisores instalados na parede. Pelo contrário: é possível ouvir a calamidade ao redor do mundo e retomar a calma nos pequenos universos coloridos que cada moldura segura. Como você pode ler, esse é um paraíso. Todos ouvem falar, mas é solo quase sagrado que nem todo jornalista quer ou pode pisar. Rodrigo Alves é um desses profissionais agraciados com a sorte, de gostar do que faz e, principalmente, com a sorte de estar em um lugar que lhe permita fazer o que gosta. Ele é especializado em jornalismo literário e ainda na faculdade entrou no jornal O Popular. Quando formado, permaneceu no veículo e atualmente é editor de cultura.

Para que não haja dúvidas, existem áreas de cobertura, ou seja, você pode ser um jornalista e ter facilita-

de, formação ou admiração por uma área em específico. Por exemplo: tecnologia da informação. Nesse caso, talvez você goste de xadrez e ame usar seu tempo livre para desbravar um novo jogo. Sem sombra de dúvidas, sua mala de mão te dará maior riqueza ao escrever sobre esse assunto. É sempre bom estar perto do que a gente ama. Além da cobertura, o profissional pode se especializar academicamente em diferentes saberes. No caso do Rodrigo, ele optou pelo jornalismo literário. É um estilo de escrita que presta uma homenagem a literatura, é a tentativa de se aproximar da arte, de aprofundar uma ideia, fazer com que o leitor visualize os detalhes de uma história com o imaginário fértil de quem lê poesia. Talvez você já tenha lido algo assim.

A oportunidade de unir a área de cultura com a escrita literária veio por acaso, e Rodrigo aceitou por um dia ter almejado escrever para uma revista. “Eu aproveitei o trabalho com o jornalismo cultural, que era um estilo mais “arrevistado” e eu pensei: ‘se eu quiser trabalhar em uma revista de informação algum dia, eu vou ter que passar por isso’. Eu vim trabalhar e me apaixonei. Hoje eu não me vejo fazendo outra coisa, quer dizer, até me vejo, mas as opções, os caminhos que eu tomei ao longo desses anos de carreira me levaram a estar aqui hoje.” O orgulho com que fala ultrapassa o sorriso no seu rosto e ganha dimensões maiores nos gestos que suas mãos desenham no ar. São suas asas em pleno voo.

Ecdise da redação

No paraíso existem muitos elementos, talvez o responsável pela mudança não seja o vilão dessa história. Viver o agora é um desafio, mas vislumbrar o futuro é quase uma necessidade. Você está preparado para o que vai deixar de existir amanhã?

A troca de pele de uma serpente é conhecida como ecdise. É a forma que a natureza encontrou para que ela crescesse e se renovasse. As mudanças são necessárias e em uma redação são sempre bem vindas. “Eu acho que daqui a 30 anos eu vou trabalhar com coisas extremamente diferentes das que eu trabalho hoje, por isso eu falo que é um processo em andamento que nunca vai acabar. Eu espero que não acabe.” Para Rodrigo, todas as mudanças que ele já presenciou nos seus 15 anos de profissão são as consequências de um movimento constante. Assim que chegou à redação onde trabalha, Rodrigo via outros profissionais. Se agora todos são responsáveis pela cobertura de diversas pautas, antes havia os setoristas. “Tinha um repórter que só cobria literatura, tinha um repórter que trabalhava só cinema, teatro, etc. Eu fui um dos poucos que já havia trabalhado em todas, eu não tinha uma delimitação”.

O repórter de hoje não possui fronteiras em seu horizonte, a demanda por informação é muito grande para se aprofundar em uma só temática, é na superfície que tudo acontece. Na superfície as ondas também modificam a silhueta do momento. “Entre idas e vindas de mudanças editoriais, acabou que eu sempre fui forte em cultura, em contar a história da vida em sociedade e coisas curiosas, e aí entra também entretenimento, televisão, cinema”. As facilidades de Rodrigo se fortaleceram com o passar do tempo e enquanto editor ele consegue trabalhar com uma variedade de temas culturais.

A renovação trouxe, além da exigência de diversas temáticas, diferentes modos de propagar esse conteúdo. A dinamicidade que conduz a contemporaneidade pede mais que só o texto escrito, mesmo no impresso.

“Outro detalhe nesses 15 anos foi a implementação das maneiras de linguagem. Hoje, se eu fosse repórter ainda, não trabalharia só escrevendo textos para serem lidos no papel. Eu escrevo um texto pra ser lido na internet. É diferente porque você consome pelo celular de maneira diferente do papel”, explica Rodrigo.

De repente as telas tomaram todos os nossos afazeres, a sensação de abrir um exemplar de jornal impresso está gradativamente sendo substituída. Quando se lê um jornal impresso, os braços tomam o espaço de qualquer curioso que possa estar por perto para ler o último es-

cândalo da política. Há de se ter um certo cuidado com as folhas; é que elas são desprendidas e podem se deixar ficar caso você não segure com firmeza.

Os ignorantes dizem que ao ler o jornal “os dedos sujam”, mas ora, as ideias são clareadas! A textura que o papel jornal dá aos dedos lembra o quanto o agora é sensível, lembra também que um passar de folha pode revelar diversos caracteres, recheados de informação.

Quem nunca se arriscou, em um jornal velho ou novo, a preencher as palavras cruzadas com uma caneta abandonada? Mas as pequenas possibilidades do impresso vão dando lugar à infinidade das telas. De fato, infinitas. A rolagem delas não tem fim, há sempre uma notícia que complementa aquela outra, um fato similar em outro lugar do mundo, o comentário de um especialista e um gráfico para exemplificar aquilo tudo. Na tela do celular é possível ler as mesmas informações, talvez de um outro jeito, com palavras distintas e mais atrativas. Mas no celular as sensações não estão nas pontas dos dedos, elas residem nos olhos que contemplam uma imagem mais viva, com um anúncio que cobre uma parte do texto ou um link que leva direto a um vídeo.

O toque no papel dá lugar a uma emoção de ícone e multitelas.

A nova configuração que se instala nas redações e no cotidiano de quem consome jornalismo vai além do

“onde”; a forma como a informação se apresenta também está de roupa nova. “Trabalhar com a convivência das outras linguagens, que é a rádio e a televisão é uma realidade que acabou vindo para essa seara de fazer jornal impresso”, acrescenta Rodrigo Alves. Quem diria que um funcionário contratado para escrever precisaria gravar áudio, vídeo, editar, conversar com seu leitor, repercutir o assunto no twitter e ainda ter tempo para desmentir informações falsas?

Essa característica, chamada de multimídia, resume uma jornada que não cabe nessas 10 letras. O jornalista do impresso de hoje tem um quê de radialista, editor, apresentador e tudo mais que se possa imaginar. Com tantas possibilidades, abrir um link que leva a um texto que começa e acaba sem nenhum atrativo, não convém ao leitor. É que todo jornalista se divide em quatro, cinco, quantos forem precisos, para que seu leitor, movido pela curiosidade ou pela necessidade, continue para a próxima página.



É dia de pensar fora da caixa

Ir ao cinema é sempre um evento recorrente na vida de Juliana. Sem dinheiro para passeios mais elaborados e – autodenominada – amante da sétima arte, todo sábado é dia de pipoca e tela grande para ela. Aproveitando que os pais pensam que ela está num cursinho de inglês da faculdade, a nossa heroína chama um uber. O endereço é o mesmo de toda semana: a casa do melhor amigo. Depois de uma soneca de algumas horinhas, o plano é traçado meticulosamente, nada pode sair errado para os pais de Juliana não descobrirem sua “escapada”.

Aos sábados à tarde há uma sessão especial no cinema onde só passam filmes antigos e o dessa semana é um completamente desconhecido pela dupla: The Rocky Horror Picture Show. O pôster na parede não diz muita coisa, não custa nada arriscar. Na verdade custa R\$ 7,50 da entrada, mas é um preço barato por uma experiência nova.

Nos primeiros minutos Juliana descobre se tratar de um musical, seu gênero favorito, e isso a anima, apesar

de nada extraordinário ter acontecido. De repente na tela aparece um tipo de vampiro andrógino, com uma longa capa preta e maquiagem carregada. Antes que o casal de mocinhos tome alguma atitude, a capa é atirada longe e o “vampiro” revela sua verdadeira face: uma travesti, não homem, não mulher, os dois e nenhum. Os olhos da jovem brilham intensamente com a energia caótica emanada da tela, maravilhada com o espartilho e a cinta liga, o batom vermelho e o choque, os gritos e os corpos dançando sem propósito.

De agora em diante nada será igual para Juliana, mas ela não entende a razão de tudo aquilo ter tocado tão fundo dentro de si. Homens e mulheres vestidos sem pudor, cultuando seu desenlace com a moralidade hipócrita e personificando o disruptivo não é comum na pacata vida de Juliana. A liberdade sexual, a sua liberdade sexual, nunca foi algo em que ela tivesse pensado, até agora. Na sua cabeça tudo gira como um carrossel, as cores saltam pelos seus olhos e se sobrepõem às suas palavras, tudo o que ela escuta é um zumbido incômodo e seus pensamentos estão tomados no túnel do tempo.

“Se entregue ao prazer absoluto
Nade nas águas quentes dos pecados da carne
Pesadelos eróticos para além dos limites
E devaneios sensuais para guardar para sempre

Você consegue ver isso?

Não sonhe, seja”

(Rose Tint My World – The Rocky Horror Picture Show)

Chegando em casa, ela para em frente à mãe, que está vendo TV. No jornal, uma reportagem sobre a comunidade LGBT. Juliana decide assistir com a mãe. Até o momento ela não sabia nada sobre o assunto. A repórter entrevista uma psicóloga que fala sobre a importância da aceitação da família para pessoas que se descobrem fora do padrão da heterossexualidade.

Juliana não costuma assistir ao jornal, mas hoje ela não tira os olhos da TV. Ela se emociona, porém não como no filme. Aqui a emoção vem da realidade, de ver e ouvir a dor de verdade, a coragem de quem se deixou entrevistar. Ela se sente tocada pelo desconhecido, mas um desconhecido tão próximo que a assusta.

A menina diz para a mãe que a aula de inglês foi muito boa e vai para o quarto que divide com a irmãzinha a fim de se organizar para tomar banho. Joyce, a irmã mais nova, está no computador assistindo a um vídeo. Assim que Juliana entra, ela fecha a aba rapidamente. Pressionada, ela mostra o que estava assistindo, um simples vídeo humorístico apresentado por um casal gay. Juliana fala que a irmã não precisa se preocupar, dá um beijo em sua testa e vai para o banheiro. Durante o

banho, com a água quente caindo sobre sua cabeça e a fumaça borrando sua visão, ela relembra de mais cedo, de momentos de sua infância e deixa escapar:

– E se... – Sua confusão maior vem de nunca ter pensado sobre isso. Como é possível que durante 22 anos ela jamais tivesse pensado sobre algo que influencia diretamente sua vida? A vida de milhões de pessoas? Foi preciso uma tela 2D para que ela entrasse em contato com uma nova realidade e sua mente se abrisse para novas ideias e isso era maravilhoso.

“O jogo foi dispersado
Minha mente foi expandida
É um gás que Frankie lançou
Sua luxúria é tão sincera”

(Rose Tint My World – The Rocky Horror Picture Show)

Não sonhe, seja!

Toda supercífie plana é um distrativo em potencial

Você acorda, abre os olhos, boceja e, antes que perceba, já está com o celular na mão. Independente do conteúdo, você fica vários minutos preso à tela brilhante do celular, zapeando pelas redes sociais, respondendo conversas despreziosas, curtindo vídeos de gatinhos e, vez ou outra, entrando em alguma briga política. Você já entrou em contato com dezenas de pessoas antes mesmo de escovar os dentes, tudo isso graças à pequena tela nas suas mãos. Coisas que poucos anos atrás seriam consideradas loucura, hoje são possíveis apenas arrastando um dedo, desde conversar em tempo real com alguém do Japão até presenciar em cores um fragmento de documentário da Segunda Guerra Mundial.

Depois de tomar banho, se vestir, talvez se pentear, você anda pela sua casa mal humorado em ter que acordar tão cedo, pula o gato estirado no chão e para em frente à TV. Sim, a sua televisão smart hd com acesso a bluetooth e wifi. Sem muita expectativa você aperta o grande botão vermelho na ponta do controle remoto

e, em um milissegundo, é possível ver uma imagem se formando. Bolsonaro ameaçou mais um jornalista, policiais corruptos fizeram mais uma vítima e você se cansou do morno dos acontecimentos catastróficos.

Já na cozinha, enquanto toma um café fraco porque você não consegue precisar a quantidade de pó suficiente, o notebook está aberto em uma reunião da empresa, decidindo coisas que podiam ser decididas por um email. Você não presta atenção em nada do que está sendo dito, pois está no tablet atualizando a quinta temporada de Lúifer que acabou de sair na Netflix.

Em menos de uma hora você já encarou tantas telas e de forma tão natural que nem se deu conta de como a tecnologia nada de braçadas dentro da sua casa. O conteúdo audiovisual que há pouco mais de um século era tão raro no dia a dia das pessoas, hoje consegue ser introduzido facilmente na sua vida por meio desses cálculos matemáticos que ninguém entende, mas que resultam numa maravilha para os olhos.

A primeira grande tela que nos capturou a atenção foi a do cinema, em meados de 1895, finalzinho do século XIX. Grande em sentido figurado e literal, ela transmite todas as formas de expressão artística: cores, movimentos, gritos, risadas, o que nos assusta e o que nos faz chorar. Mais além da arte está a função social, trazer às claras problemas e situações que subvertem o

moralismo imposto pela sociedade, dar-nos o ódio e o amor, nos introduzir pensamentos que guardávamos escondidos no fundo da alma.

Dentro de laboratórios cheios de bugigangas empoeiradas cientistas de todas as partes do mundo pesquisavam uma forma de transmissão visual à distância. Utilizando selênio, células fotoelétricas e coisas que nós – pessoas equilibradas mentalmente e que não nos damos bem com números – não entenderíamos o funcionamento nem em um milhão de anos, a televisão obteve seu êxito por volta de 1930. Naquele ano, a BBC foi inaugurada na Inglaterra, sendo a primeira emissora do mundo a transmitir um programa de TV. Anos depois a França também conseguiu fazer sua transmissão, sendo seguida por outros países da Europa. Na Alemanha de 1935 surgiu a televisão pública com uma definição de 25 quadros por segundo.

Diferente das telonas do cinema, a TV se caracterizou, principalmente em seu início, por transmitir acontecimentos e problemáticas reais, com personagens que sentem dor e sangram, sorriem e recebem glória. O discurso do presidente estadunidense Franklin Roosevelt em uma feira em Nova Iorque em 1939 marcou a vinda da televisão para o continente americano.

Depois de uma longa pausa no desenvolvimento do aparelho audiovisual por conta da Segunda Guerra

Mundial, o Brasil recebeu sua primeira transmissão televisiva no dia 18 de setembro de 1950. A TV Tupi foi lançada em São Paulo por Assis Chateaubriand, dando ao Brasil o título de primeiro país da América Latina a ter uma emissora de televisão, o sexto no mundo todo.

Em 1952 surgiu o Repórter Esso, um dos mais famosos jornais da TV brasileira e que foi um marco para o jornalismo televisivo do País. 68 anos após a estréia, o telejornal continua sendo uma fonte de informação com muita credibilidade e acessível para a maioria dos brasileiros, já que a TV está em 95% das casas.

A PUC TV Goiás faz parte do dia a dia televisivo dos goianos há mais de uma década. Afiliada à TV Aparecida, de São Paulo, ela produz programas jornalísticos e de entretenimento para o canal e alcança cerca de dois milhões de pessoas todos os dias. A coordenadora de comunicação da emissora, Consuelo Gobbi, está presente desde o início da PUC TV e busca extrair sempre o melhor dos jornalistas que trabalham lá.

Consuelo sempre foi um ser místico da PUC TV. Quando você entra lá pela primeira vez, o tom de voz grave e o olhar firme te fazem sentir pequeno, não humilhado, mas é como se ela estivesse muitos passos à frente. Com o passar do tempo, o medo vai embora, a forma acessível com que ela trata todos que trabalham no prédio quebra a postura “megera” que ela possa apresentar numa primeira encarada.

Já no início da conversa, ela deixou claro que não era uma apaixonada pelo jornalismo e que, na época do vestibular, a sua primeira opção era outra. “Então, na verdade eu não queria fazer Jornalismo, eu queria fazer Psicologia, mas na época só tinha Psicologia na Católica e meu pai falou: ‘você não vai fazer e nem passar perto, primeiro porque eu não vou pagar e segundo porque você tem a obrigação de passar numa universidade pública, seja qual for o curso’. E por exclusão, ah eu gosto disso, não gosto daquilo, eu escrevo bem mas não quero ser professora, então eu não vou fazer Letras. Sobrou o quê? Jornalismo.”

Ouvindo isso, é impossível não imaginar uma Consuelo mais jovem, com seus cachos escuros, óculos discretos e tênis All Stars pretos – como os que ela usava durante a entrevista. Uma Consuelo jovem, mas que já tinha muito da sua personalidade construída, tendo que se adaptar às adversidades e buscando se conhecer, como qualquer garota recém saída do ensino médio.

Consuelo trabalhou por pouco tempo na Rádio Universitária da UFG quando se formou. Logo depois foi para a TV Anhanguera, onde trabalhou por 15 anos. “Lá eu passei por todos os estágios da carreira de TV. Comecei como produtora, fui editora e fiz todos os jornais da casa e terminei a carreira lá por iniciativa própria, como editora chefe do *Bom Dia Goiás*. Um belo dia eu cansei

de acordar de madrugada, pensei ‘isso não é trabalho de gente’ e pedi demissão.”

Trabalhando alguns anos como professora, logo ela foi convidada para coordenar a PUC TV, que ainda não existia. “O professor Daniel Barbosa [diretor da emissora] me chamou para conversar e falou: ‘Olha, a estrutura da TV está ficando pronta agora’ – porque a gente não tinha sede própria. ‘Nós podemos migrar alguns profissionais, montar uma equipe e a senhora começar a trabalhar’. E eu perguntei se era do zero mesmo. Ele disse que sim, que eu poderia montar do jeito que eu quisesse. Lógico, tinha uma limitação de equipamentos, mas eu topei. Não estava fazendo nada, sobrando tempo”, brinca, lembrando sua trajetória.

Agora imagine que você seja o funcionário de uma emissora de TV e, chegando ao seu local de trabalho, você encontra um caixão vazio. Pode acontecer, caso a emissora em questão seja a PUC TV. Para mostrar situações inconvenientes em velórios no extinto programa “Da Hora”, a produção alugou um caixão com uma funerária para encenar de forma cômica as despedidas mais inusitadas que os pobres defuntos recebem.

“Nós pegamos essa sala do lado e fizemos toda a caracterização. Um dos meninos do programa era o Tálison, ele tinha uma veia teatral, foi o defunto. Obviamente que isso virou uma bagunça, todo mundo publicou

foto de si mesmo dentro do caixão nas redes sociais e nós gravamos essas situações ridículas que acontecem em velório. Mas ficou muito tarde e faltava uma cena, então nós deixamos o caixão aqui. A faxineira chegou às 3 horas da manhã e quase teve um troço.”, relata a jornalista.

Quando perguntada sobre sua relação com o jornalismo hoje, depois de tantos anos na área, sua resposta é clara. “O jornalismo me deu tudo que eu queria para minha vida. Lógico que eu não queria muita coisa não, mas ele me permitiu muita coisa.”

Consuelo fala que pensa em tomar outros rumos na vida, sair do telejornalismo, pensa sobre as possibilidades e as mudanças que o futuro vai trazer para os jornalistas. “Vocês que estão saindo da faculdade não devem pensar em carteira assinada, vocês tem que ser o seu emprego, tem que empreender. Você faz seu lugar nesse espaço gigante que se chama comunicação. E eu penso nisso também, em um dia aposentar minha carteirinha de trabalho e partir pra outra, outras formas de fazer meu conhecimento chegar a muita gente e ganhar dinheiro com isso também, porque dinheiro pra capricorniano é muito importante.”

Sobre o desenvolvimento do audiovisual, Consuelo fala que busca conversar e entrar em contato com pessoas de diferentes áreas, procurar o que está dando certo em outras emissoras e, principalmente, ver o que cresce

no Youtube. “É um mix de informações que você tem que juntar, às vezes eu fico a tarde inteira no *YouTube* pesquisando coisas, programas ou assuntos, tendências e vou juntando isso”

Quando o assunto é YouTube, entramos em um território mais despojado. Tiramos o blazer e colocamos uma camiseta de algodão, sai o scarpin e entra o All Star, o cabelo preso dá lugar a uma cabeleira azul. Na plataforma não é necessário grade de programação, roteiro, periodicidade, teleprompter ou uma grande equipe, apenas o carisma do apresentador. Hoje o Youtube é a rede mais utilizada no mundo todo. Lá você pode aprender a fazer um bolo, uma bomba caseira e, de quebra, rir dos esquetes do Porta dos Fundos. É um grande campo onde o descompromisso está apenas na superfície. Ele é também a ferramenta de trabalho de milhares de pessoas ao redor do mundo.

Nilce Moretto é muito conhecida pelos jovens por seu trabalho na internet. Junto com o marido Leon, ela produz conteúdos para os grandes canais Coisa de Nerd e Cadê a Chave? Mas quem a conhece na plataforma poderia imaginar que ela já foi uma jovem repórter da Record Goiás?

Formada em jornalismo pela UNESP, desenvolveu seu TCC em rádio comunitária. Depois da aprovação, recebeu um convite para seguir a pesquisa no mestrado.

De pesquisadora a produtora de conteúdo independente, a vida tem dessas coisas. Nosso planejamento não tem utilidade ou serventia quando comparado aos planos da vida. Os caminhos se abrem e escorregamos pela tangente. Julgamos ter tomado uma decisão errada e, de repente, o curso da vida se ajeita e se acalma, nos mostrando o nosso lugar.

Nilce recebeu uma oferta de trabalho em Goiânia e optou por abandonar a vida acadêmica e agarrar essa oportunidade. “Fui pra Goiânia, trabalhei primeiramente numa produtora fazendo roteiro, ‘o povo fala’ nas ruas, mas logo depois eu fui para a TV Brasil Central. Comecei como repórter, tive uma rápida passagem pela Rádio Brasil Central. Engraçado que foi o tema do meu TCC, mas eu não consegui aderir à rádio e logo eu fui para televisão”, relata. Era o destino agindo, se você acredita nisso.

A youtuber teve um período de trabalho intenso, acumulando funções, algo comum na vida dos jornalistas. “Na televisão eu fui tudo, menos produtora. Eu fiz reportagem, entrei em edição, acabei apresentando o jornal como folguista e depois fui para a *Record*, onde eu atuei primeiro como editora. Eu conciliava os dois trabalhos. Jornalista tem muito disso, né? Isso é uma parte importante do pensamento de empreendedorismo do jornalismo, acho que é bom considerar isso.” Ela

pontua como os amigos jornalistas dela também tinham a necessidade de trabalhar em mais de um emprego. Necessidade financeira, é claro. Os jornalistas recebem de forma inversamente proporcional ao que trabalham, pelo visto!

A transição de jornalista para youtuber veio quando Nilce se sentia pouco desafiada na carreira e com pouca possibilidade de crescimento. O marido Leon já trabalhava com o YouTube, já possuía uma renda e a repórter estava cansada das jornadas jornalísticas exaustivas. “Eu já estava esgotada do jornalismo, nesse batidão que eu tô falando. Sempre foram mais de 12 horas de carga horária por dia e eu acho que já tinha alcançado tudo que eu queria em termos de trabalhar em redação, com *hard news*. Eu já era uma repórter bem consolidada, posso dizer isso. As pautas mais difíceis vinham pra mim, cobertura nacional, enfim, as coisas que saíam... Eu estava me sentindo pouco desafiada na carreira e eu queria um desafio maior.”

O canal Cadê a Chave? surgiu do interesse de Nilce em continuar se mantendo em contato com o audiovisual. Sua ideia inicial era gravar os bastidores da vida e do dia a dia com Leon. Em três meses, o canal já tinha 500 mil inscritos e os conteúdos começaram a ser produzidos com mais intensidade e seriedade. “Eu não consegui fazer algo descompromissado, então logo a gente

fazia opinião. A gente fazia análises políticas e o canal cresceu, ganhou vida própria e começou a surgir uma renda minha no YouTube e foi por aí, não foi uma coisa bem estruturada, bem planejada, mas é preciso contextualizar isso. Numa época em que tudo era bem experimental mesmo na internet, eu não acredito que esse modelo que aconteceu comigo sirva de receita para alguém que viesse nesta fase, porque nós estamos vivendo o profissionalismo, né? Eu entendo que a geração que surgiu com a gente lá atrás, 2010 até 2016, 2015 mais ou menos, teve uma grande oportunidade de experimentar com mais facilidade, porque não tinha essa exigência de profissionalismo. Agora os caminhos meio que já estão marcados.”

Nilce é uma pessoa extremamente ativa nas redes sociais e não se furta de dar suas opiniões por medo de retaliações. É possível ver sua movimentação diária no Twitter, respondendo e argumentando com seus seguidores e pessoas completamente desconhecidas, questionando falas e atitudes do presidente, falando sobre sua vida e suas experiências. O diálogo é a chave do seu trabalho e é por onde novas pessoas a conhecem todos os dias e passam a confiar no seu trabalho.

Sobre o processo de criação, ela deixa claro que não há roteiro, não há ensaio, tudo é feito de forma orgânica. “No Cadê a Chave? é a cobertura do que a gente tá fazendo. Eu ligo a câmera e vou cobrindo, como se eu

fosse a repórter de mim mesma, então é outra pegada. Há alguns quadros que são planejados, mas mesmo assim a gente não tem nada roteirizado, nada é combinado antes. Mesmo os quadros como o Talento Supremo, que a gente tem que seguir uma receita pra produzir alguma coisa, são bem soltos e eu acho que o que chama atenção é justamente aquilo que acontece naturalmente dentro das gravações. Então o meu trabalho na edição é fazer essas coisas que aconteceram naturalmente se amarrarem e terem um sentido. É uma história pós-contada, digamos assim.”

Nilce deixa claro que seu trabalho na internet é algo chamado “Info Entertainment”, que seria a mistura de entretenimento e informação, mas fala sobre canais de notícias e a importância de se fazer jornalismo no YouTube. “Agora eu vejo que tem grandes jornalistas para os quais caiu a ficha, depois das eleições de 2018 principalmente, de que eles precisam estar na internet, e o YouTube é a melhor plataforma. Uma plataforma de vídeo que permite o engajamento. A pessoa entra no YouTube, senta e vai assistir aos vídeos. Ela dedica o tempo dela ali, diferente de outras redes que são mais rápidas, como Instagram e Tik Tok, onde as pessoas estão ali frenéticas, em movimento e fazendo o scroll up da tela o tempo todo.”

Sobre seu futuro, Nilce não gosta de fazer planos, apenas tem sonhos que espera realizar. “Na verdade eu

não planejo, nós temos alguns sonhos, algumas direções de conteúdo e de canal, mas hoje o que eu quero é fazer que o canal financeiro dê uma audiência na comunidade e me dedicar a um projeto bem pessoal, que é a produção do podcast. O podcast onde eu entrevisto pessoas que eu admiro e são referências em suas áreas. Então, hoje eu tenho esses dois sonhos e eu não sei se vou alcançá-los, se eles vão mudar ou se vão surgir outros mais pra frente”.

Consuelo e Nilce traçaram seus caminhos de acordo com o que a vida lhes oferecia, não tiveram medo de ousar e arriscar, de sair de uma afiliada da Rede Globo e ir para uma TV que estava começando e com limitações de equipamentos, de terminar uma carreira em ascensão na televisão e investir em uma plataforma incerta. Ambas tiveram uma sorte que muitos não têm: a capacidade de acreditar em si. Estejam preparados para a mudança e lutem para que seus desejos se tornem realidade.

Não sonhe, seja!



Aonde chegam as ondas do Rádio?

“Anápolis já era um grande polo em Goiás naquela época, eu não me lembro exatamente o ano, mas foi no início de 1970. As coisas iam calmas com a graça de Deus, a gente não se preocupava com quase nada, eu era uma menina de treze e poucos anos, morava na Rua 3... não! Eu me mudei da Rua 3 uns aninhos antes, nessa época eu já morava aqui no Jundiá. Eu limpava a casa pra mãe três vezes por dia, aqui era tudo terra, não tinha esse asfalto na porta. A mãe brigava muito pra eu fazer as coisas direito, mas eu limpava” – conta ela, com risos de nostalgia.

Seu pai e seu tio já trabalhavam na rua. Nessa época eu acho que seu tio era mecânico já, na oficina do seu Joel da Ana... eu acho que era. Seu pai vendia verdura com um tio nosso, Ananias, você lembra dele? – Não – Verdade, ele morreu bem antes de você nascer, tô ficando doida já. Pegava a verdura na roça desse tio e ia numa peruinha vender nas feiras.

Eu não lembro bem o dia pra te falar ‘ah, foi tal dia’, mas o pai sempre trazia uma coisinha pra gente quando

sobrava um trocado. Nesse dia tava eu, seu pai e seu tio em casa. Eu tava ajudando a mãe a fazer uma carne moída pra gente comer com pão, acho que devia de tá anoitecendo já. Seu vô chegou do serviço, na mesma hora de sempre, mas naquele dia ele tava com uma caixinha debaixo do braço, antes que ele chamasse todo mundo pra ver eu já tinha corrido na frente, o embrulho tinha uns detalhes dourados que brilhavam.

Menina, o embrulho se desmanchou e era um radinho, tão bonitinho, vermelhinho. era um pouco maior que a mão do seu vô. Eu nunca tinha visto um rádio antes, mas a gente morre e não vê de tudo, né. Aí, todo dia o pai ligava o radinho pra gente de manhã cedo, umas cinco da matina, que era a hora que a gente levantava. Ele funcionava com pilhas e pra nossa sorte elas duravam muito. Eu não lembro bem dos programas, mas eu amava ouvir a voz e tentar adivinhar como que a pessoa era de aparência. Tinha tanto homem de voz grossa que fazia a gente sonhar, sabe? Se eu pudesse, era o dia todo ouvindo, o dia todo deixando a novela me entreter, sabia que a novela era ouvida? Era bom demais.”

Outra história de rádio

“Lá em São Raimundo das Mangabeiras não tinha nada para fazer, às vezes a gente caçava passarinho, colhia as frutas antes do tempo, rezava para sua vó não ver, ia no Rio Caititu, mas fora isso não tínhamos tanta informação, aliás não tinha entretenimento que não estivesse no alto de uma árvore ou se arrastando no chão.

– E o rádio? Você disse uma vez que gostava de ouvir. Quando foi que vocês o ganharam?

Eu não lembro exatamente o dia, mas não esqueço de um episódio especial, eu, meus irmãos e meus primos estávamos todos em círculo escutando o rádio. Ele ficava no meio da roda, em cima de um banquetezinho de madeira e todo mundo olhava atentamente como se fosse o próprio presidente falando para a gente, não era, era bem mais especial. O sol já tinha ido e o céu estava bem escuro, só com um traço de azul mais claro, mas que também já se despedia para dar vez as estrelas. A areia mais clara do chão começava a gritar aos olhos, mas as lamparinas ainda não estavam acesas, as vozes do rádio iluminavam tudo, bastava.

Ela faz uma pausa e eu penso que as pilhas deviam ter acabado, era uma reflexão:

– Não é engraçado como a memória vai enganando a gente com o passar dos anos? Deixando cair entre os dedos as coisas importantes e pondo no lugar detalhes que às vezes a gente jura que aconteceram e são tudo devaneios.

O que eu escutava no rádio aquele dia eu não tenho ideia, mas das últimas palavras da radialista eu jamais vou esquecer, ela tinha uma voz grossa, sabe? Dessas que parecem vozes masculinas, e aí ela finalizou o que dizia e em alto e bom som se despediu: “*Eu vou embora, até a próxima ouvinte*”. Quando ela disse isso, meu primo correu, empurrou quem estava perto e em um impulso inocente, abraçou o rádio. Ele era ainda mais novo que eu, meio magro, os olhos dele transbordavam, aos poucos o medo daquela alma infantil se traduzia em angústia e ele segurava o aparelho tão forte contra o peito que eu tenho certeza que a radialista sentiu aquele abraço.

A gente caiu na risada, mesmo sem entender muito sabíamos que o rádio não ia sair dali, no entardecer seguinte ela voltaria com sua voz entonada e seria nossa companhia. Eu acho que o rádio fez isso por muita gente, com certeza ainda faz, quantas milhões de pessoas no mundo só têm acesso ao rádio? Quando eu era um pouco mais velha, mas ainda criança, lá em São Raimundo das

Mangabeiras, eu amava radionovela. Eu escutava a Rádio Nacional da Amazônia, era a Tia Leninha que contava as tramas, a voz tranquila dela fazia a gente imaginar os personagens. Será que eles eram altos? Será que a mocinha era bonita? A rádio tem disso né, dá pé para nossa imaginação e ela voa longe. Eu lembro do Maurício Rabelo, ele cantava. Nossa, que voz bonita! Ele devia ser feio, radialista tem só a voz bonita, né? - Ela me perguntava com tom de afirmação rindo sobre a possibilidade.

Uma vez o pai foi pro garimpo e comprou uma foto da Márcia Ferreira, ela também cantava. Foi a única pessoa do rádio que a gente conheceu. A gente adorava olhar a foto. A rádio serviu até pra educar a gente. Sempre que minha mãe queria que a gente se arrumasse logo, ela dizia ‘Vamos logo que a radionovela já vai começar’. Aí não importava o que estávamos fazendo, a gente corria.

Imagina a quantidade de gente e sotaques que conhecemos por causa do rádio? Lá da Amazônia e até candangos. É que quando já era noite começa a tocar a Nacional de Brasília, na mesma frequência. Sabe o que o radialista fazia? Lia algumas estrofes de literatura de cordel, com a voz forte ele saudava todo o País: ‘Boa noite, Brasil’. – Ela imita a voz grave para me fazer compreender como era. – A gente gostava de ouvir pra saber se ele ia contar algum cordel que a gente já conhecia. Nunca lia, eram tantos.”

Toda a infância dela foi acompanhada pela rádio, ela nunca saiu de sua cidade e nem faz ideia de quem começou isso tudo, mas a vida é mesmo engraçada, algumas paixões conectam as pessoas pela percepção, em diferentes lugares.

Sintonizando

A primeira transmissão radiofônica no Brasil aconteceu no dia 07 de setembro de 1922. Tratava-se de um discurso feito pelo Presidente da República da época, Epitácio Pessoa, por meio de uma antena instalada no morro do Corcovado, no Rio de Janeiro e 80 alto-falantes espalhados nas áreas próximas, imagine que os receptores alcançados foram só de Niterói, Petrópolis e São Paulo.

Tocou-se música clássica e se você se esforçar, pode imaginar as mulheres com seus vestidos longos e cabelos bem arrumados. O chamado “ruído” provavelmente atrapalhava a perfeição das palavras que saiam da boca do então presidente, mas não deixou de ser um passo primordial para que no ano seguinte a rádio de fato se instalasse no Brasil. Em 20 de abril de 1923, foi inaugurada a Rádio Sociedade do Rio de Janeiro, a primeira emissora. Era tudo novo, atraente, a proposta envolvia os sentidos, aguçava a audição e a curiosidade, era um laboratório a cada transmissão.

As pessoas se uniam para emprestar os discos para as rádios. O que ia ao ar era, portanto, fruto de um esforço coletivo. Existiam os clubes de rádio, onde as pessoas se uniam para escutar as poucas horas de transmissão. Até 1932, as emissoras não tinham as “propagandas”. Isso significa que não havia remuneração para o que era transmitido. O rádio vivia assim, alimentado por seus amantes apaixonados.

Em março de 1932 o estado passou a ter maior interesse pelo rádio. Em decreto, o presidente Getúlio Vargas autorizou a inserção publicitária. A partir dali, os aparelhos foram deixando os clubes para ganhar as casas. Os programistas, nome dado aos primeiros profissionais da rádio, faziam de tudo com a ajuda da improvisação. Imaginação é a palavra que guia os dois lados da produção radiofônica, ou guiava. Nos primórdios, o rádio era o desenho para aqueles que não podiam ver, mas principalmente para aqueles que não podiam ler.

A utilização da voz como recurso único exigiu muita atenção dos profissionais. Imagine um céu nublado, com nuvens cinzas e trovões barulhentos; imagine também que o vento frio e abusado levanta a saia das donzelas que passam na rua, as sombrinhas dos prevenidos se abrem e exibem suas cores em contraste ao breu celestial. Você não leu ou viu, mas provavelmente imaginou os minutos que antecedem uma chuva. Não é mágico

como as palavras brincam com a nossa imaginação? O rádio de hoje ainda trabalha assim, mas não com a mesma intensidade. A sonoplastia, ou seja, técnicas que usam os recursos sonoros para criar uma “imagem fic-tícia”, perderam a vez quando as emissoras, nos mais diversos lugares, passaram a exibir seus programas atra-vés das redes sociais.

É o fim, perdeu-se o encanto, passamos a ver tudo. Os radialistas mal se vestem bem, não têm nada na mesa de som além de muitos botões e pouco mistério. “Nossa eu não imaginava que esse apresentador fosse assim.” Entre ilusões e surpresas, o rádio sobrevive. Não, ele vive intensamente!

A curiosidade que levou o ouvinte a querer ver de-sencadeou uma certa “maldição”. Agora que todos po-dem alcançar o som e a imagem de uma transmissão, não há mais tempo, o cotidiano das pessoas passou a exigir praticidade.

De 1923 até os dias atuais, muita coisa mudou. Não existe limite de horas, não existe limite de espaço, a rá-dio está em todo lugar. Cada cidade e até comunidade tem a sua emissora, elas existem aos montes: comunitá-rias, comerciais. Imagine você que há rádio até onde não tem. A internet possibilitou a transmissão de áudio de qualquer lugar, a rádio se reinventou. Qualquer indiví-duo com o mínimo de equipamento e o máximo de boa

vontade pode gravar episódios e contar histórias com a voz. São os chamados podcasts. O podcast é a onipresença do rádio. Se antes cada episódio era um evento que reunia as famílias ao redor do aparelho e atraía toda atenção para si, hoje o rádio deu liberdade para seus ouvintes. Foi o jeito que ele encontrou de mantê-los por perto, mesmo em uma época onde todos os sentidos são exigidos a cada segundo. É verdade que um pouco daquela magia de antigamente se perdeu, mas há muito o que comemorar, há diversidade de assunto, há liberdade de horário e, a melhor parte, ainda há paixão, mesmo depois de quase 80 anos. No fim das contas, o segredo de uma união feliz ainda é o mesmo: Saber ouvir, mas também deixar falar.

A rádio hoje é isso: você pode ouvir onde e quando quiser e pode pôr a voz no microfone para propor suas ideias ao mundo. Podcast é uma palavrinha que une dois termos do inglês, *iPod* e *broadcast*. O primeiro se refere a um dispositivo portátil, lançado em 2001 pela empresa Apple. Já o segundo se refere à difusão, ou seja, à transmissão de informação. O termo foi utilizado pela primeira vez em 2004 quando Adam Curry, ex-funcionário de um grande canal de televisão, disponibilizou um agregador na internet que possibilitou a utilização por parte de outros usuários. Na prática, isso significa que não é necessário ser presidente de um país e muito

menos ter transmissores gigantes instalados em lugares estratégicos para poder se fazer ouvir. Basta que em algum ponto os sinais da rádio despertem sua atenção.

Foi o que aconteceu com Bárbara Falcão. A jovem jornalista foi procurada pelo rádio ainda na faculdade - às vezes acontece de ele mesmo buscar as pessoas, esse foi o caso, “No segundo semestre de faculdade, ainda em 2011, eu entrei pra rádio, uma entrada muito por acaso. Eu lembro que estava um dia no DACOM, que era onde os estudantes se reuniam, e algum veterano falou: ‘Nossa, se matricula nesse programa aqui da rádio, de esportes, que não tem ninguém. Por favor, se matricula!’. E eu lembro que todas as minhas amigas estavam se matriculando no outro, que era um programa de cultura, ou então no jornal, e aí eu falei: “Quer saber, porque não?”.

Poderia ter acontecido com uma estudante de qualquer área, mas o jornalismo tem uma relação especial com o rádio. O veículo deu ao jornalismo a possibilidade de levar a informação para as pessoas em lugares distantes e até mesmo enquanto elas resolvem afazeres do cotidiano. O jornalismo em rádio tem muita credibilidade no País. Uma pesquisa realizada em 2019 revelou que a maioria das pessoas afirmam que confiam mais nas informações passadas pelo rádio do que na internet, por exemplo.

Existem diferenças na forma de se fazer jornalismo em rádio: o contato com as fontes, a apuração, a estruturação da reportagem, tudo isso tem características próprias. Além das facilidades já mencionadas anteriormente, como mobilidade e rapidez, o rádio carrega uma função social. Ainda na década de 1940, considerada a fase de ouro do rádio, o jornalismo estabeleceu seu lugar nas ondas do veículo. Isso ocorreu porque a sobrevivência do rádio foi encontrada nas necessidades da sociedade. As pessoas buscaram compreender os acontecimentos e o jornalista do rádio estava lá para isso. O jornalista do rádio ainda faz isso. A primeira experiência de Bárbara Falcão foi na Rádio Universitária, da Universidade Federal de Goiás (UFG), quando foi para o estádio, desbravando a imensidão da grama verde e contando o que estava acontecendo. Mesmo que o jornalista não goste da cobertura esportiva, existe uma constante nas duas áreas: o movimento. O tempo passa, às vezes com acréscimos, mas a verdade é que sempre existe um novo desafio pela frente.

Depois do aprendizado na Rádio Universitária, Bárbara foi para duas outras rádios. “Sei lá, eu tenho essa necessidade de movimento, parece que chega um ponto em que as coisas não cabem mais, eu vou crescendo e aquela coisa vai ficando pra trás e aí eu canso, foi o que aconteceu novamente.” Não pense que se cansar é algo

ruim, tampouco que a inconstância é sinônimo de desequilíbrio. A mudança precisa existir e é o que norteia toda a nossa história. A decisão de mudar é o ponto exato onde novas histórias são desenhadas, é um pensamento em voz alta que *reverbera* e transforma tudo. A última emissora de rádio por onde Bárbara passou é uma regional que comporta grandes nomes e sonhos dos estudantes apaixonados pela locução: a Central Brasileira de Notícias, CBN. Ao contrário do que se propõe a maioria das emissoras, a única música da frequência são as notícias. Em quase dois anos, Bárbara dedicou-se à locução, produção e uma série de outras tarefas, mas o “click” da mudança acendeu uma ideia.

“Uma vontade de me redescobrir e de fazer algo diferente do que eu estava acostumada. O mestrado foi a coisa mais difícil que eu já fiz na minha vida. De fato, é completamente diferente do meu universo. É muito fácil você chegar, fazer uma reportagem, duas por dia, apresentar um programa. No mestrado não, é um trabalho solitário, que não é imediato”, compara.

Jornalista também é cientista

As mudanças não vêm como um furacão, pelo menos a maioria delas não. Bárbara é uma dessas figuras femininas que inspiram dinamicidade e modernidade, mas

principalmente inteligência. Ela tatuaria na pele o momento exato em que uma águia pousa sobre uma superfície. É isso, o movimento certo seguido pela pausa calculada. Bárbara conciliou seu trabalho na CBN com uma de suas decisões mais importantes, começar um mestrado. Mas o início corrido e complicado evidenciou que aquele era o momento de fazer uma escolha. Ela fez e seu primeiro passo na pesquisa científica é um estudo dedicado ao podcast, o mais novo e celebrado produto com características radiofônicas do mercado. Jornalista não usa jaleco e nem se arrisca com fórmulas e produtos químicos; seu objeto é muito mais complexo, efêmero e mutante: a comunicação.

O objetivo inicial era se aprofundar nas novas narrativas radiofônicas, mas outra vez o rádio chamou a Bárbara para o caminho certo. “Eu entrei no mestrado mais ou menos quando eu conheci o podcast. Eu vi que ali tinha uma oportunidade grande de estudo. No caso do podcast, eu vi que a maioria das pesquisas era na área de educação, não tinha muita coisa voltada pra área do jornalismo e aí eu falei: ‘Opa, tem alguma coisa surgindo aqui, tem um nicho, tem um espaço pra eu pesquisar’.” A partir daí e com uma bagagem que já acumulava premiações com trabalhos em podcasts, ela alçou mais um voo. Bárbara fundou sua própria empresa de produção de conteúdos para podcast, com uma companheira

de vida e uma organização empreendedora. Assim, ela oferece ao mercado aquilo que ama. Não que seja simples assim, existe uma barreira que costuma se impor aos profissionais de comunicação.

“As pessoas têm mania de desvalorizar o nosso trabalho”. As ondas sonoras se propagam no ar e qualquer ser humano, sem nenhuma limitação específica, pode emitir ruído. Você pode abrir a boca e gritar de forma longa e sonora, mas possibilidade não é qualidade. O jornalista não está ali por acaso, liderando a influência e a comunicação para as massas. “As pessoas acreditam que dar uma opinião sobre algo é a mesma coisa que um jornalista escrever um artigo. Ela não vê, por exemplo, que para o jornalista escrever aquilo, ele se dedicou a uma pesquisa, ele se posiciona enquanto jornalista, ele tem que manter a credibilidade”, explica Bárbara. Mas vamos além: você não entregaria seu coração em uma mesa de cirurgia para alguém que dissesse: “Isso não tem segredo, eu já vi alguém fazendo uma vez”.

Não é arriscado, portanto, deixar sua voz na mão de qualquer pessoa? Na prática, jornalista também é gente e como as pessoas comuns, eles pagam suas contas, mas quando se tem uma empresa de comunicação, nem todos seus clientes entendem isso, Bárbara exemplifica: “O editor de um grande site de cultura aqui em Goiânia me chamou pra uma reunião e lá ele queria implantar

uma estrutura de podcast. Ele queria a assessoria e um ou dois produtos, enfim, algo que servisse pra ele. Fiz a reunião, dei meu preço, ele queria que eu fizesse 70% de permuta, ou seja, um anúncio no site dele. Eu falei: ‘desculpa, não vai compensar’. Acabou que não rolou porque o cara não queria pagar, ele achou que era algo pequeno.”

Grande mesmo é a persistência de Bárbara e de boa parcela dos jornalistas. E não é somente isso. Na verdade, para desbravar esse mar de informação, é necessário paixão. Além da águia, Bárbara tem marcado na pele um aparelho de rádio. Os traços negros contrastam com sua pele clara e eternizam a essência de tudo: o som. O som que delinea a imagem no inconsciente de quem ouve, as palavras que ganham forma e pintam um cenário, um rosto, uma história. “A possibilidade de narrar vidas, de mostrar para as pessoas coisas que talvez elas não veriam em outra ocasião e cada pessoa tem um olhar único sobre tudo. Então, partilhar esse nosso olhar com os outros é muito importante. Eu acho que a gente deu umas escorregadas, mas nesse momento a gente se encontrou”, comemora.

Bodas de Porcelana

O dia não está tão corrido, você se senta no banco de uma praça e um senhor simpático com uma voz entona-

da começa a te contar sobre os anos de vida dele. Com um tom grave, ele conta que é casado há vinte anos com a mesma mulher. Você percebe que tantos anos só são possíveis porque eles são muito apaixonados.

Mariani Ribeiro é a outra metade dessa relação. Ela já ama o rádio há 23 anos, não é pouca coisa. Quando questionada sobre os encantos que lhe fizeram assinar os documentos desse matrimônio, descobrimos que ela viveu um divórcio com as exatas. “Confesso que não é uma coisa que tenha nascido comigo, não é nenhuma história daquelas que a gente ouve: ‘ah, desde criança eu sabia o que eu queria ser quando crescesse’ e via pessoas na TV e se identificava com aquilo. Minha história não é essa. Meu primeiro vestibular foi pra Engenharia Civil.” Raras são as exceções de jornalistas que gostam dos números, alguns se alimentam deles, mas felizmente esse não é o caso. Mariani é uma pessoa que caminha com maestria em qualquer solo que ela decida desbravar. Para a sorte de quem já escutou sua voz, ela deixou os cálculos para trás e com a imponência sonora de uma mulher decidida, ela constrói sua história na CBN. Não só isso, a CBN de Goiânia tem as características dela.

Cada ser humano nasce com sua linha traçada nos livros do universo. Você acredita nisso? Ou será que as curvas do acaso vão surgindo no decorrer dos dias? Mariani lhe convenceria em poucos minutos que as pes-

soas nascem com uma natureza pré-determinada e que a maior tolice é fugir do que é natural. Mais grave ainda é quando um jornalista, na vastidão das possibilidades que permeiam a profissão, foge daquilo de que gosta, da sua essência. O casamento feliz com o rádio existe porque Mariani não foge do que ela é. “Tem gente que vai se dedicar mais à produção, tem gente que vai ser pra sempre repórter, tem gente que tem perfil pra edição, enfim. Eu sou por natureza repórter, eu sempre gostei da reportagem e no mundo da carreira, você vai amadurecendo, você vai crescendo profissionalmente e eu acabei caindo na gestão do veículo. Mas eu gosto de contar histórias, eu gosto de levar às pessoas as histórias que eu posso e sei contar.”

Gerir um veículo não é simples e nem todo mundo poderia fazê-lo, tampouco por 14 anos. Principalmente em uma emissora que “Toca notícia”, às vezes a “música” não é das mais agradáveis, o gênero não soa bem e dói nos ouvidos as dores da realidade.

A natureza de todo jornalista é a constante tentativa de proporcionar meios para que o ouvinte tome consciência e critique a realidade, Mariani poderá chegar às bodas de ouro, ainda será uma tentativa. O movimento das ondas sonoras e da persistência são as poucas constantes dessa variável.

“O que eu já passei e já vivi ali, são muitos processos, muitos anos de acertos e erros. A gente vai errando

e acertando né?” A permissão de dar a si próprio a possibilidade de errar é um grande acerto, é a construção diária de quem somos e seremos. A radialista que Mariani é hoje é resultado de uma jornalista que passou por várias etapas. Ela começou como repórter de TV e depois ajudou na construção de um veículo online. “Eu ingressei quando isso estava só começando. Lá em 2001, eu fui chamada para tocar um projeto que o Grupo Jaime Câmara estava implementando que era o *Goiás Net* e posteriormente se transformou no G1. Foi uma aventura porque era algo muito novo, algo que as pessoas ainda estavam tateando, aprendendo ainda a mexer com aquilo e eu, corajosamente, ou nem sei explicar, encarei destemidamente.”

Coragem é uma palavra chave para o jornalista, mas nem sempre é possível tê-la por perto. Até mesmo Clark Kent teria uma certa insegurança com seu ofício público, já que existe uma ameaça na cidade e no mundo inteiro. São as “Notícias Falsas”, Fake News para quem acha que o termo em inglês minimiza o drama da situação. Na prática significa a difusão de argumentos ligados à dimensão emocional, ou seja, apelos que vão permeando as esferas públicas, as redes sociais, a mente e a boca das pessoas. Depois de contaminado, o indivíduo esquece sua racionalidade, não pergunta de onde veio a informação e contamina outra pessoa. É uma era de

zumbis desinformados. Haja herói para conseguir lidar com isso. Um desafio clássico para quem estudou e se dedica diariamente a informar as pessoas. Pode até parecer uma briga equivalente, mas jornalista não é robô e a incerteza da profissão ameaçada por interesses políticos tira noites de sono.

“De todos esses anos profissionais acho que esse é o pior momento. A gente tem sofrido ataques gratuitos. Não estou dizendo que a gente não erre, que a gente não falhe. Sim, a gente tem muita coisa para melhorar, mas esse, sem dúvida nenhuma, é o pior momento em termos de agressões, em termos de as pessoas fazerem questão de ignorar o que a gente faz e fingirem que não é por aí. Então, isso tudo machuca a gente, porque você sabe que o trabalho é árduo, que ele não é fácil”, compartilha Mariani, com frustração.

Quem tem o dom de prever o futuro?

Se Mariani chegasse no local onde trabalha e já soubesse de tudo o que aconteceria no dia, a redação seria um paraíso, daria para se programar melhor, redigir com mais calma e acertar o timbre certo na hora de falar para os ouvintes. Mas as coisas não são assim, os processos acontecem de forma tão silenciosa que quando se revelam na sua forma final, é assustador. Os ouvintes mais

atentos sabem quando as notícias do rádio carregam um ar mais tenebroso. É mais difícil disfarçar os segredos que a voz conta, um nó na garganta, um suspiro de alívio, uma pausa reflexiva. Tudo é informação e até o silêncio pode gritar na rádio. Mas esses pequenos detalhes não podem ser previstos, nunca puderam.

Quando Mariani visita suas memórias da faculdade, tudo parece distante e impalpável. “Mudou tudo. São mais de duas décadas, a tecnologia é mutante. A gente usava fita de rolo, as câmeras eram gigantescas. Quando a gente ia, por exemplo, para o laboratório de TV, cada câmera era um monstro na nossa frente.” A parte técnica está menos assustadora, o celular, tão prático, pode fazer tudo o que os equipamentos mais modernos de antes fariam. É fácil se adaptar ao que é cômodo. Mesmo quase duas décadas depois de seu começo, Mariani ainda sente a segurança que o rádio lhe deu anos atrás. “Eu me sinto meio protegida por essa questão visual no rádio. As pessoas não estão me vendo, apesar de as redes sociais eliminarem um pouco esse processo. Mas ainda assim eu me sinto mais confortável no rádio, eu me sinto mais à vontade.”

A rapidez do rádio ensinou Mariani a minimizar os impactos da atualidade. Quem estuda rádio aprende que o veículo é efêmero, significa que as coisas duram tanto como uma bolha de sabão. O vento leva e antes que se

possa sentir saudade de sua aquarela que dança em movimentos circulares, ela já está se desmanchando, perdendo seu lugar no universo, deixando que a atenção de quem vê se agarre em outra bolha. O rádio é assim. Quando todos imaginaram que a TV extinguiria o veículo, foi a agilidade que o salvou, essa rapidez de uma informação que logo dá lugar a outra hoje e isso numa constante. “As pessoas não sabem o quanto a gente fica cansado. Esse momento agora está tão maluco que a gente tá tendo dificuldade de acompanhar a velocidade dos fatos. Os fatos nos atropelam. Então, para acompanhar tudo isso é puxado.”

Puxado é tudo aquilo que tem um desgaste maior que o natural. Falamos assim quando as coisas não são fáceis. A vida do jornalista é “puxada” e empurrada também, de um lado para o outro, para lá e para cá, tem sempre algo acontecendo que o mundo precisa saber. “Às vezes o jornalismo é cruel com a gente no dia a dia, é muito intenso. Tem a questão da remuneração, às vezes não é como as pessoas esperam, mas por outro lado é muito prazeroso e vicia. Jornalismo vicia. Vicia porque é bom, vicia porque é um papel importantíssimo que a gente desempenha na sociedade. Hoje mais do que nunca, vendo toda essa trapalhada que está acontecendo, eu tenho certeza disso. É importante ter alguém que faça bem feito, porque as *Fake News* estão aí para provar para a gente

que nosso papel é cada vez mais importante. É a gente que vai fazer, é a gente que vai checar, é a gente que vai apurar, é a gente que vai acompanhar uma denúncia, é a gente que vai saber como tratar aquele assunto e como levar até o público.”

O jornalista sabe o que faz, sabe o que faz agora. Enfiar os dois pés no chão e se prender aos fatos é o que todo profissional faz de melhor. Não dá para almejar voos no incerto, as certezas também são efêmeras. Quando perguntada sobre o futuro, Mariani arranca a pergunta pela raiz. “Eu não respondo isso.” Você responderia no lugar dela? O mundo dorme e acorda de outro jeito, o cotidiano muda de repente e todos construímos nossos castelos de cartas outra vez. Ela explica que a postura vem de sua natureza pragmática. Há de ser realista e objetiva. Mesmo os jornalistas mais sonhadores têm um pedaço dessa natureza. “Eu não gosto de fazer planos nem para semana que vem. Eu acho que se eu fizer um plano a tão longa distância eu vou sofrer, porque eu me frustro quando as coisas não dão certo. É claro que eu tento não pisar em ovos, mas eu tento não planejar a vida a tão longa distância assim. Eu acho que esse tipo de plano vale mais para gente jovem, gente que está começando, não para uma pessoa como eu. Se fosse em outros tempos, talvez eu estivesse planejando para daqui dez anos estar aposentando, mas agora nem isso eu vou poder estar, aposentada”, comenta, com ironia.

A verdade é que o conforto da aposentadoria reside no campo das ideias para muitos jornalistas. As carteiras de trabalho dão lugar a contratos de curto prazo. Quem sabe do amanhã? O jornalista não. Mas se lá atrás houvesse a possibilidade de prever o futuro, a escolha ainda seria a mesma, com os males e benefícios. “Eu canso e eu só não paro porque eu gosto muito do fazer jornalístico. Às vezes os dissabores são tantos que a gente fala: ‘Ai, dá vontade de desistir’. Mas são as coisas que envolvem o processo, o jornalista, o radialista. São práticas maravilhosas, coisas fascinantes para fazer”, argumenta Mariani.

Realização não significa comodidade. As rádios costumam ficar 24h no ar, já que o mundo está sempre rodando. Mariani ainda anseia por coisas novas. Apesar de o rádio tomar parte de sua atenção e carinho, ela também divide suas paixões. Um casamento feliz dá liberdade também. Mariani ama aprender, além dos projetos e do trabalho cotidiano. Motivada por um desejo familiar, ela deu uma nova chance à sala de aula. Desta vez, em um curso de Direito. Para quem ama aprender, conhecer o campo jurídico é um vasto horizonte. Mas entre a jovem Mariani que escolheu Jornalismo com 18 anos e, posteriormente, Direito aos 30, existe uma vastidão de percepções e desejos que foram gentilmente se adequando aos espaços estreitos da realidade. Apesar de

ainda querer advogar e de também querer dar aula (“um dia, quem sabe?”), o querer que se sobrepõe ainda é sustentado pela jovem de 18 anos, formada em Rádio e TV por interesse genuíno, livre de ponderações e responsabilidades que a agulha da maturidade vai costurando no tecido da vida.

O segredo, afinal, é aquilo que floresce nas nossas escolhas. São as frutas que colorem e dão sabor à jornada, são as folhagens que crescem e que ora secam, ora fazem sombra. Mas cada um possui a sua natureza, lembra? Pode ser casca mais grossa de semente delicada ou dente de leão que viaja no primeiro sopro do instinto. A essência precisa ser vista, pois não se esqueça que nosso veículo do qual falamos aqui é efêmero, as coisas envelhecem rápido. Só não confunda com fragilidade, muito menos com ausência. Trata-se de modulação, do tom certo para encarar a vida. “Eu acho que quando a gente não se fecha para aprender, a gente tem mais chances de sobreviver. Seria natural eu te dizer que daqui um tempo eu estou fora porque as coisas vão se renovando, mas eu posso, por exemplo, estar fora do vídeo, fora do ar, mas o jornalista não morre. É como o ator ou a atriz, é possível envelhecer fazendo a mesma coisa. O jornalismo te dá essa oportunidade, mas eu acho que para você envelhecer fazendo alguma coisa, tem que envelhecer ali no cronológico, não pode envelhecer a alma.” A gravação é encerrada. Até o próximo capítulo caro ouvinte.



Assessoria de comunicação intergaláctica

– Você matou meu pai!

– Não, Luke. Eu sou seu pai!

A tela desligou, e tudo na sala ficou escuro, tudo que se escuta é a respiração pesada e mecânica de Darth Vader.

– Você tem algo a dizer sobre isso? – A voz grave do Imperador Palpatine ecoou friamente pela sala.

– Eu não sabia que isso estava sendo gravado. – Quase não se entendia o que o Lorde Sith falava, seu nervosismo era palpável no ar.

– Você sabe que a nossa popularidade tem diminuído na galáxia, com esse escândalo do seu filho ser um mestre Jedi perderemos apoio. Era tudo o que os Rebeldes precisavam para enfraquecer o governo!

– Nós temos que trazê-lo para o nosso lado antes que a notícia se espalhe.

– Eu chamei a nossa equipe de gerenciamento de crise, eles devem chegar a qualquer momento.

– O senhor acredita que eles saberão lidar com isso?

– É melhor que sim, a vida de algumas pessoas de-

pende disso... – O holograma de Palpatine desaparece, deixando Darth Vader confuso sobre quais vidas estavam em risco, mas ele não tinha um bom pressentimento.

A equipe de gerenciamento de crise do Império é responsável por lidar com problemas e minimizar as consequências das atitudes pouco assertivas dos membros do governo. Desde o extermínio em massa da população de um planeta, até um filho jedi pertencente à aliança rebelde, nada pode passar em branco pelos olhos dos assessores galáticos. As notícias se espalham e, sem uma medida de contenção de danos, Palpatine perde apoiadores pela galáxia, o que pode culminar no fim de seu governo e, possivelmente, de sua vida.

Quem tem boca vai ao Instagram

A assessoria de imprensa, ou assessoria de comunicação – como é mais conhecida hoje em dia – é aquele tipo de trabalho que você nunca viu nem conhece alguém que faz, só ouviu falar. Quando você entra na faculdade de jornalismo, passa por vários estágios de relação com esse nicho até encarar o mercado de trabalho.

No primeiro momento, você acha super antiético um jornalista trabalhar como assessor, enxerga isso como uma forma de manipulação da imprensa e agendamento descarado da mídia. Depois de um tempo, você percebe que assessoria é o que pode te render algum dinheiro, porque salário de repórter não paga nem as raivas que o coitado passa. No fim da faculdade, você já está sonhando em assessorar um político grande e influente a lá Bolsonaro, não porque você goste dele, mas porque você ama ter as contas pagas.

Mas... afinal de contas, o que um assessor faz?

A assessoria não é uma atividade recente, na verdade ela é uma bisavó do início do século XX. Com berço nos

Estados Unidos e pai chamado Ivy Lee, essa senhorinha surgiu num contexto de melhorar a imagem de um rico mal caráter. O que sabemos é que, graças a Ivy Lee, que desenvolveu técnicas de inserir seu cliente na mídia de forma positiva, hoje temos um ramo bem consolidado de trabalho em comunicação entre empresa, mídia e público.

No Brasil, o início da assessoria está atrelado ao governo e grandes empresas. Durante a ditadura militar, compreendida entre 1964 a 1985, o governo federal tentava passar uma ideia de normalidade e prosperidade à população, ao mesmo tempo em que deixava explícito o tom autoritário que pairava no ar. Slogans como “Brasil, ame-o ou deixe-o” eram divulgados por meio de cartazes e charges.

Com o passar dos anos foi ficando mais claro o ofício do assessor, trabalhar a imagem do cliente e conseguir engajamento. Até poucos anos atrás, a formadora de opinião e, principalmente, a ponte entre o assessorado e o público era a imprensa, que recebia releases - materiais informativos distribuídos para os jornalistas pelos assessores antes de eventos, entrevistas e acontecimentos relevantes contendo resumos, dados e direcionamentos para as reportagens; press kits - materiais de divulgação do cliente que são distribuídos por assessorias de imprensa a canais de mídia para divulgação; e a participação em coletivas de imprensa. Hoje, vemos

uma tendência de as assessorias conversarem diretamente com o público, sem o intermédio da imprensa, principalmente com a popularização da internet.

A jornalista e coordenadora de comunicação do Instituto de Assistência dos Servidores do Estado de Goiás (Ipasgo), Lourdes Souza, fala sobre o desenvolvimento da comunicação na internet, identificando alterações importantes neste ramo de trabalho. “Quando me formei, o jornalismo não tinha o impacto das mídias sociais e nem do alto fluxo de informações via internet, seja por sites ou aplicativos de mensagens. Utilizávamos a internet, mas não de forma tão frenética. Sendo assim, os veículos de imprensa, principalmente os jornais impressos, eram fontes primordiais para a disseminação das informações. Em quase duas décadas, de 2002 até agora, as ferramentas para a prática do jornalismo se ampliaram. Hoje, os profissionais têm mais possibilidades e caminhos para chegar até a fonte da informação e também para se comunicar com seu público. O jornalismo atualmente é multimídia.”

Ainda segundo a profissional, o trabalho da assessoria de comunicação também precisa ser multimídia. Além da assessoria de imprensa, sites, aplicativos e mídias sociais tornaram-se essenciais e passaram a integrar a rotina do profissional de comunicação. Para realizar o planejamento de uma assessoria de forma completa,

esses novos aspectos precisam ser colocados em pauta até porque vão demandar uma equipe multidisciplinar, com jornalistas, designers, fotógrafos, videomakers, entre outros profissionais.

Um exemplo recente e popular é o da rede varejista Magazine Luiza. A empresa tem as redes sociais bem movimentadas, tem uma linguagem adequada ao público, busca estar atualizada sobre os conteúdos em alta na internet, adapta suas pautas à demanda dos potenciais clientes. Com a Magalu, sua assistente virtual, consegue interagir com o público e gerar engajamento o suficiente para se manter firme na venda de produtos.

Quando você joga uma moeda para cima, só pode esperar cara ou coroa, ela só tem dois lados. Quando alguém precisa ser representado na mídia, a moeda gira em looping e nunca cai de um lado ou outro. Cara ou coroa, assessor ou jornalista, eles se relacionam intimamente e precisam um do trabalho do outro, não há sobreposição, até porque, muitas vezes, jornalista e assessor se sentaram lado a lado nos bancos da universidade.

Lourdes pontua que o trabalho do assessor deve ser exercido prioritariamente por alguém graduado em jornalismo e explica: “A função de assessoria de imprensa não se restringe ao atendimento das demandas dos veículos ou organização de divulgação interna. É um trabalho que exige análise e planejamento, que só

são possíveis a partir de um profundo conhecimento do jornalismo e da rotina dos veículos de imprensa. Além disso, demanda frequentemente a contextualização das estratégias de divulgação conforme diversos panoramas socioeconômicos. Por isso, é fundamental que esse assessor tenha uma formação consistente em jornalismo e também experiência profissional.”

A relação entre assessor e repórter muitas vezes nasce dentro de um só profissional. É comum que um jornalista exerça as duas funções simultaneamente ou ingresse na vida de repórter antes de se tornar um assessor. Lourdes começou sua carreira em 2003 como repórter esportiva do jornal Diário da Manhã, lugar onde trabalhou por alguns anos e transitou entre as editorias de economia, cidades e concursos. Em 2005, começou sua carreira como assessora do Conselho Regional de Psicologia de Goiás e Tocantins e desde então vem trabalhado em diversos jornais e assessorias.

Renata Vieira, dona de uma das maiores empresas de comunicação do Centro-Oeste, a Kasane, teve uma trajetória diversa à comum dentro do jornalismo. Ela trabalhava como modelo desde os dez anos e, aos 19, prestou vestibular para arquitetura e design de interiores. Sua vida dentro do jornalismo começou a ser trilhada quando uma amiga a indicou para fazer um teste para âncora do MG TV, o jornal do maior audiência do estado de Minas Gerais.

Para essa nova e desconhecida jornada, Renata recebeu um treinamento de três meses no Rio de Janeiro antes de estreiar no jornal. “Eu tive embasamento técnico para apresentação no vídeo, com fonoaudiólogas e tal. Fiquei lá três meses e voltei para Belo Horizonte para minha estréia e estreei com 19 anos, em 1991”.

Após cerca de três anos atuando como âncora, Renata finalmente ingressou na faculdade de jornalismo a fim de adquirir mais conhecimento e embasamento teórico. Na metade do curso, mudou-se para Goiás, onde terminou sua graduação na UFG e foi transferida do MG TV para a TV Anhanguera. Depois de cinco anos na emissora, a jornalista optou por trilhar outros caminhos.

“Eu não queria ter trabalhado em lugar nenhum, que foi o que eu fiz porque eu tinha um bebê de poucos meses, ele não tinha nem um aninho. E aí eu fiquei com meu filho um pouco, mas comecei a buscar outras oportunidades, ver o que eu ia fazer da minha vida e o trabalho de assessoria de imprensa na época começou a ser muito forte, a demanda muito grande. Quando eu percebi que eu poderia ter um bom negócio, bem estruturado, foi quando eu me encontrei com a minha sócia, a Ana Paula. Ela é publicitária, relações públicas e nós criamos a Kasane. Então a Kasane já nasceu como uma agência de comunicação corporativa.”

De acordo com a jornalista, a Kasane hoje, assim como na época de sua criação, oferece todos os serviços de comunicação, desde o relacionamento com a mídia, eventos corporativos, publicidade. Ela fala dos desafios de gerir uma empresa de atuação tão ampla: “A gente teve que desbravar muito pra conseguir mostrar a relevância do nosso trabalho completo. Na época, a gente trabalhava só relacionamento com a mídia, publicações e algumas outras coisas. Depois começou a surgir muito a questão de um ‘digital’. Investimos um ‘digital’ na agência, investimos em um núcleo de publicidade, investimos em um núcleo de eventos e, realmente, a Kasane tomou um outro corpo nos últimos oito anos, muito maior em termos de abrangência de ação de comunicação e também junto dos nossos clientes.”

Renata fala sobre as mudanças que ocorreram na forma de trabalhar durante o período de pandemia: “Com essa pandemia, o marketing offline praticamente deixou de existir. Tudo do que está sendo feito na agência hoje, 99% é online. Então, um movimento que já vinha com força de uns cinco, seis anos pra cá, agora se tornou definitivo. Se a Kasane não estivesse preparada para esse momento, nós hoje estaríamos com sérias dificuldades com os nossos clientes. Porque é uma demanda grande que a empresa não conseguiria atender”.

Lourdes trabalhou e trabalha com assessoria de órgãos públicos, diferente de Renata, que gerencia sua própria empresa. As diferenças na forma e nas demandas do trabalho foram especificadas por Lourdes: “Nos órgãos públicos em que atuei, observo que as novas demandas como aplicativos, mídias sociais e whatsapp ainda estão sendo absorvidas. As equipes centrais, como por exemplo as secretarias de comunicação (do estado ou de um município), possuem mais recursos e equipes de profissionais. Por isso conseguem implementar ações mais arrojadas, como estratégias para as redes sociais, vídeos, aplicativos e por aí vai. Nas equipes setoriais, em órgãos específicos – sejam secretarias ou autarquias, as novas demandas são incorporadas de acordo com a equipe de comunicação possível. Há ainda assessorias que são feitas somente por um jornalista e, em casos assim, o foco fica principalmente na assessoria de imprensa, site institucional e redes sociais, de forma mais limitada em alguns casos.”

Sobre a relação entre jornalista e assessor, Lourdes lembrou da época em que trabalhou no Instituto de Previdência dos Servidores Municipais de Goiânia (IPSM) e como a pauta da Reforma da Previdência foi introduzida nos jornais. “A estratégia da comunicação foi dividir os temas para fomentar inicialmente um debate público a respeito da situação atual da previdência social, em

seguida da necessidade de organização e modernização dos sistemas e o impacto social e econômico para toda a cidade e o impacto social e econômico para os servidores públicos.”

Para a divulgação das informações, a comunicação foi feita diretamente com os veículos de imprensa, a partir da disponibilização de dados exclusivos, entrevistas, releases e coletivas de imprensa. De acordo com a jornalista, o contato com a imprensa ocorria de formas diferentes: com diálogos exclusivos com jornalistas que foram selecionados como chaves para a divulgação, levantamento de dados exclusivos, releases gerais para toda a imprensa e entrevistas.

“As entrevistas eram realizadas em alto volume diário, porém poucas foram coletivas. Alguns dias eram selecionados para o atendimento dos veículos, com temas semelhantes, mas com períodos individualizados para cada veículo. Dessa forma, garantimos uma ampla presença do tema na imprensa, com debates um pouco mais aprofundados e com a possibilidade de participação popular, como ocorre nas rádios e TVs”. A comunicação direta com públicos-alvo – os afetados pela reforma – também foi adotada e implementada por meio de reuniões, seminários e audiências públicas.

De acordo com Renata Vieira, em um trabalho para a loja voltada para o público gay *Inhaí?*, o release feito

pela empresa para divulgar a marca foi utilizado na íntegra por jornalistas em veículos de comunicação. Para a assessora, há motivos que ocasionaram isso: “Atribuo a dois fatores. O primeiro, que prezamos muito pela qualidade do material produzido na agência e, dessa forma, os jornalistas que estão nos veículos se sentem seguros em publicar. O segundo fator é a absoluta falta de tempo que muitos deles possuem nas redações, que estão cada vez mais enxutas e os profissionais com cada vez menos tempo para apurar, entrevistar e construir seu material.”

Ambas as profissionais ressaltam a importância da boa convivência entre jornalistas e assessores e a necessidade de se entregar um bom trabalho. “Tenho grandes amigos e parceiros nos veículos de comunicação. Mas somente isso não basta para que suas sugestões de pauta sejam compradas pelos veículos. É preciso ter qualidade, valor-notícia, para que os colegas tenham interesse no seu conteúdo”, explica Renata.



O Fluxo da Água

Em Terra de Muitas Águas, a população convive com a liberdade de expressão. Mesmo sendo uma cidade relativamente pequena no alto do planalto, todos contavam com aparelhos que possibilitavam a expressão de seus pensamentos a todo instante.

Além dessa liberdade pessoal magnífica, a Terra de Muitas Águas tinha inúmeros veículos de imprensa, logo a informação corria solta, e as pessoas liam os jornais, comentavam as notícias e comentavam também que jamais mudariam aquele modelo de liberdade. Existia um rumor que um dia a Terra de Muitas Águas enfrentou uma dura restrição, mas não vamos falar do que já ficou para trás.

Os veículos daquela cidade eram muito parecidos, um deles se chamava O Ontem, a redação ficava toda em uma sala, não muito grande. As informações chegavam e os jornalistas as deixavam numa linguagem totalmente compreensível para as pessoas. Era assim também no Jornal Retrasado, no Retrato Antigo do Agora e no Há Séculos.

A população era feliz, pelo menos em um lado da cidade. Mas existia uma parcela que vivia em outro ponto, mas ninguém ouvia falar. A comunicação por lá não funcionava muito bem, mas deixemos de lado. O prefeito daquela cidade, pois claro a felicidade cidadã depende de um bom governante, ou era muitíssimo querido, ou era “ah, nada contra”. Dessa forma, a vida corria na Terra de Muitas Águas.

Até que um dia chegou na cidade uma figura misteriosa, um homem alto de rosto fino e corpo magro; para quem entende de arte, ele se parecia com uma pintura do Modigliani; para quem não gosta muito, basta reafirmar que tinha o rosto fino e olhar sem vida. Estava ali para visitar sua tia, que há muito não via. Vivia em um dos pólos tecnológicos do país. Eles eram denominados por códigos desde a revolução. O S40 Polo era um desses lugares que a Terra de Muitas Águas um dia seria, mas faltava interesse e sobrava desinformação. Ainda assim, as águas não paravam de correr.

O moço de S40 Polo também era jornalista e trabalhava em um desses veículos “independentes”. Surpreso com a quantidade de jornais em um lugar tão pequeno, resolveu visitar as redações por curiosidade. Imagine a surpresa dele ao descobrir que a Terra de Muitas Águas vivia de informações que sempre eram revisadas pelo prefeito.

E antes dele, seu pai o fazia, pois o avô do atual prefeito aprendeu com um “amigo da família” o ofício de comandar os veículos.

O jornalista percorreu toda a cidade para ter certeza de que não se tratava de um sonho distópico, até que chegou ao lado que ninguém ouvia falar. As ruas sujas e as casas destruídas. Daquele lado da cidade mal havia água para beber. Indignado com a situação, o jornalista escreveu. No dia seguinte, logo de manhã, contou a todos a sua verdade e disse que os veículos eram de fonte duvidosa. “A água que vocês bebem está envenenada pela ilusão”.

Assustada, a população agarrou firme a liberdade de expressão que tinha e foram todos aos jornais. Os rostos redondos, de testas enrugadas e olhos tomados pela raiva, aos gritos e levantando cartazes, exigiram que o moço de S40 Polo fosse expulso da cidade, que levasse junto suas verdades escandalosas.

Assim aconteceu, o prefeito fez o convite para que o estrangeiro se retirasse e o fluxo da Terra de Muitas Águas seguiu.

O poder da informação ou da desinformação

A imprensa nasce no Brasil com o propósito de informar sobre os assuntos da família real. Até que se desenvolva, ganhe moldes de profissão e nortes de orientação, a imprensa propagava somente aquilo que era autorizado pela corte. O principal critério existente era a necessidade de se manter. Muitas coisas não eram mencionadas e não poderiam, pois quando alguém arca com os custos de uma estrutura informativa, conseqüentemente, tem poder sobre a informação publicada. Mas os anos passaram, o império brasileiro também, os veículos se multiplicaram e hoje existe uma maior independência por parte de quem escreve. Ela não é completa, mas é sempre buscada. Os veículos são empresas que seguem “linhas editoriais”.

As linhas editoriais são caminhos já marcados. Em alguns jornais assim que um novo jornalista entra os olhares dos veteranos lhe comunicam o que pode e não pode, já em outros lugares é entregue ao novo profissional um mapa com os lugares em que ele pode pisar. Na

segunda semana é muito provável que já não se tenha mais o mapa e a curiosidade vai servindo de bússola para entender até onde as regras podem ser desobedecidas. Há punições, mas as glórias em mostrar aquilo que as vezes não é interessante para a empresa, mas fundamental para as pessoas, acaba sendo maior. As linhas editoriais não são uma sentença, não para o jornalista. Quanto mais numerosas, maior a possibilidade de um horizonte melhor. A pluralidade das linhas enriquece o livro da verdade.

Quando a revista X se dedica mais a criticar as decisões tomadas pelo presidente e a Y aborda essas mesmas ações de uma forma positiva ganha quem lê as duas. Desde que haja espaço para que ambas existam, para que ambas possam trabalhar sem censura, para que o leitor saiba os prazeres e desprazeres do que acontece no seu país e então, decida por si, se aquilo lhe agrada ou se mais uma vez elegemos outro imbecil. A liberdade do profissional da imprensa impacta diretamente na liberdade da população.

O jornalista é a peça de um grande quebra-cabeça, mas não pense que em algum momento ele será formado e uma bela imagem poderá ser vista. As peças entram e saem, se modificam, ora crescem, ora diminuem. Perdem um encaixe, ganham uma ausência que futuramente se preencherá. Quebrar a cabeça é uma prática

necessária e constante, mas não pense que é apenas do jornalista, é hora de apontar o dedo e pensar com quem escreve, sobre quem escreve e como escreve.

Quem é o responsável por escolher as palavras que provocam seus pensamentos? Você gostaria que ele pensasse como um empresário ganancioso ou como um fiscal desconfiado? A imprensa ganhou ares de cão de guarda há muito tempo. Mas o jornalismo como 4º poder, que fiscaliza os demais, ou seja, o Legislativo, Executivo e Judiciário, deixou de existir. A ideia que nasceu com o termo era facilmente representada por um repórter sempre a espreita, investigando incessantemente com o objetivo de flagrar um ato de corrupção e um desvio de 1 milhão, mas essa imagem fica só para o cinema de época, porque aos poucos ela perde vez no imaginário coletivo e ganha as novas telas da realidade. O jornalista que te guia nos caminhos da realidade, hoje está na tela do seu celular. Você vê que nas sextas ele vai à academia e sem faltar nenhum dia, que se abastece de café pela manhã antes de entrar no estúdio da emissora que tem uma catraca moderna. Ele não é um empresário ganancioso, pelo contrário, se te ver na rua pode até tirar uma foto com você e ouvir sobre aquela rua mal sinalizada perto da sua casa.

O jornalista que escreve as palavras que vagueiam nas suas discussões não é mais um cão de guarda. O

termo “quarto poder” com mais de 190 anos, já se aposentou. O jornalista não cuida de você, ele não sopra a comida para que você não se queime. É sua obrigação digerir o que lhe é dado, é sua obrigação recusar algo que não lhe cai bem e, principalmente, é sua vez de propor o cardápio caro leitor.

Hoje as nuances do profissional são inúmeras, não que antes fosse mais preto no branco, mas agora você está mais perto da realidade. As pessoas se comunicam de forma muito complexa. As peças são outras. Se antes o jornalista era temido pelos bandidos e pautava aquilo que as pessoas comentariam no dia seguinte, hoje o jogo virou. A Internet deu voz a todos, virou palco de peças teatrais, tela para filmes de terror e luneta para as redações. Talvez só agora o inglês Lord Macaulay, responsável pela criação da expressão “quarto poder”, esteja se sentindo compreendido, a aliança que ele esperava entre a imprensa e os cidadãos para a ampla promoção dos direitos, e deveres também, começa a ganhar forma.

Emana o quinto poder, as mídias sociais. Percebe que o poder está sempre na mão de quem decide? De quem influencia as pessoas. Até que surja um novo reinado, as plataformas midiáticas ostentam uma coroa luxuosa e um cetro comandado por todos os poderes existentes. Gladiando entre si, os espaços virtuais são terra de todo mundo. Mas falar não é conquistar espaço nesse mundo,

os poderes mudam de roupa, mas não abandonam sua majestade. O jornalista que você segue nas redes sociais fala o nome do café e a academia que ele sempre vai. Você já quis ir?

Os poderes se misturam, a mescla dá corpo a uma bebida perigosa, você é incapaz de distinguir os ingredientes que te servem, onde eles terminam, onde tiveram início. Você engole e só começa a pensar depois que os efeitos do líquido percorreram seu paladar. A bebida quente te anestesiou e o vapor embaçou sua visão por um momento.

Você aceita outro café?

O dia começou tranquilo. Era mês de setembro, o clima amigável fez parecer que seria mais uma semana pacata. Mas Consuelo Gobbi estava na redação de uma televisão quando presenciou um momento histórico. A um passo dela uma torre desabara, as imagens vindas do pequeno aparelho televisor pareciam inacreditáveis, a fumaça que enchia a tela quase invadia o olfato de quem assistia. Outra torre caiu, ela não estava lá, mas acabara de presenciar um dos ataques terroristas mais famosos da história.

O jornalismo lhe proporcionou uma vivência, as palavras pronunciadas por repórteres naquele dia se insta-

laram no consciente de milhares de pessoas, a imagem gravada pode ser facilmente descrita por uma geração inteira. Um termo pode ganhar uma associação imagética, uma ideia ganha o impacto de uma explosão. Um toque musical que anuncia um plantão fora de hora pode despertar um sentimento de angústia em uma nação inteira. O jornalismo rompe as barreiras do espaço e do tempo, o jornalismo corrompe as suas memórias de uma forma que as lembranças coexistem com a verdade e você ganha autoridade para se lembrar delas.

O jornalismo pode machucar quem dá a ele suas palavras. Às vezes é como assinar um cheque em branco e descobrir que o preço a pagar pode ser alto demais. Isabel Cristina estava trabalhando, escrevia o que acontecia, assim como um dentista cuida de um dente dolorido. Como a informação precisa estar na mão e de preferência reduzida em caracteres, Isabel colocou a notícia sobre a visita de um presidente a determinado local na rede social. Lá estava seu nome. Assinar é ter consciência que o poder e dever de escrever são seus, assinar é responder por cada palavra ali escolhida. Mas seu nome virou alvo de uma flecha pontiaguda, uma flecha que trouxe outra e mais outra, e assim foram chegando até que o alvo já não pudesse ser visto através da nuvem de flechas. “Horrível, horrível, horrível!”.

A palavra que não agrada vira alvo de quem não sabe de fato ler, de quem não sabe escrever também. A língua portuguesa é mais nobre para a argumentação que para o palavreado de baixo calão.

O jornalismo é uma superfície que nunca está plana, mesmo que minta o desejo de estar. Desta forma qualquer elevação ou redução é facilmente percebida pela classe que desbrava o mar da informação. “Houve uma diminuição [do jornalista], até na forma discursiva tratada pelo Presidente da República e outros políticos, e isso se reflete na população. É uma desvalorização mesmo do nosso papel”, lamenta Bárbara Falcão, que também alertou sobre isso.

O jornalista ri litros de governantes que ainda não aprenderam o poder da comunicação e chora mares pelo cidadão que ainda não aprendeu o poder da comunicação. Tudo é líquido, tudo é instável, tudo se molda, mas você caro leitor já deve saber disso ao chegar até aqui.

A beleza que há na mudança é sempre cultuada, nas estações do ano, nos meses do calendário, nas voltas que a Terra dá, nas fases da Lua que sutilmente modificam os níveis dos mares, ou que radicalmente atingem as rochas no auge de uma ressaca. São lágrimas? Quem em sua consciência viveria bem em uma superfície plana? Sem sentir a sede da reviravolta, sem sentir o dessabor de sempre correr atrás do que aconteceu? O jornalismo

não. A mudança é o movimento de tudo, é a prática dos desejos que se impõem, o florescer das ideias e luz nas incertezas do amanhã. A ausência da mudança paralisa os ponteiros de um relógio. O segredo reside na permanência. Como permanecer?

Os melhores filmes, as melhores matérias e as melhores histórias não terminam com um ponto final. As respostas prontas muitas vezes deixam a desejar, cortam uma possibilidade e um detalhe sutil que se instalou ali sem perceber. Este livro não te presenteia com uma resposta e sim termina com um belo de um ponto de interrogação, para que você saia e reclame aos quatro ventos, para que em seu pensamento faça permanecer as suas dúvidas. As mudanças do jornalismo refletem a sua ambição.



Tentativa de entender o futuro

Enquanto caminho no corredor, meu olhar cruza com uma mulher branca de passos lentos e cabelo singular. Os pequenos cachos que se projetam em seu rosto parecem querer que ela caminhe mais rápido, mas o olhar cauteloso quanto aos detalhes do chão não deixa que ela perceba o pedido dos fios.

Assim eles vão se distanciando e se movimentando no tempo de seus desejos, seu cabelo e ela.

Quando finalmente chego ao meu destino, ela está lá novamente, desta vez sentada com um semblante de poucos amigos. Ela carrega uma bolsa pesada, acho que pode ser um notebook ou uma lista de coisas que estão erradas no mundo e ela impacientemente não vê a hora de corrigir. Suas unhas longas e coloridas chamam atenção, não mais do que quando ela fala. Seu timbre firme é do tipo que cala os ruídos externos e colhe toda atenção pra si. Eu sempre tive certeza que grandes mulheres carregam uma fama de brava. Gosto de ver figuras com essa aura determinada. Ela era uma dessas mulheres.

Sabe quando a Meryl Streep sobe num salto e interpreta a Miranda Priestly em *O Diabo Veste Prada*? Se você não sabe, devia. Mas basta dizer que o olhar dela sabia de todos os seus desvios de conduta. Essa é a Amanda, mas sem o salto.

Descobri seu nome provavelmente quando alguém a chamou. Não sei quando passei a cumprimentá-la no corredor ou ver de perto as mudanças pelas quais seu cabelo decidido passou. Ele já esteve rosa, preto, verde, curto, com tranças e sem. Passei a entender que não era ela que não ouvia os desejos de suas madeixas, na verdade ela ouvia demais. Aliás, ela é uma pessoa que dá ouvido a suas próprias vontades, que libertador.

Letras, história e jornalismo, são profissões que ela já escolheu, e a última também a escolheu. Fato é que Amanda tem um dom especial com as palavras. Certa vez, um texto seu sobre um vendaval que invadia um cômodo mexeu com a admiração que eu já nutria. Passei a ver nela o reflexo de uma amizade que com certeza não se abalaria nem se eu esquecesse uma janela aberta em plena tempestade.

Você também pode confiar nela. É o tipo de pessoa que se bebesse muito, se preocuparia em ter certeza de que as pessoas ao seu redor sabem que Capitu não traiu Bentinho.

– Claro que não traiu, Amanda, mas devia ter traído
Conhecer a Amanda é ver uma série de cores e gos-

tos que se misturam, ora se exaltam, ora se acalmam, mas estão sempre ali como a configuração de um caleidoscópio que brinca com suas percepções enquanto está em movimento.

Movimento é a palavra. É a sentença do passado e o caminho do futuro. Quem é a Amanda do futuro?

É a diretora de um longa-metragem tão vivo quanto um filme do David Lynch. É a professora em uma sala de aula repleta de cabeças pensantes. É uma mulher que lidera novas respostas para a educação de um país. É alguém que procura alternativas para o caos do mundo. É alguém que escreve, mesmo com medo.

– “A Amanda do futuro é muitas coisas.”

As opções são inúmeras porque o futuro comporta tudo aquilo que a gente sonha. Talvez a Amanda seja o tipo de pessoa realista. Ela te diria para não sonhar, e sim para ser. Ela te diria porque viu num filme legal e porque de fato acredita que ser é mais palpável que sonhar.

Mas a convivência ensina que as incertezas do amanhã não são suficientes para derrubar as verdades que construímos. Talvez as possibilidades sejam concretizadas em meias partes.

A Amanda de Amanhã pode ter um diário eletrônico e um projeto social só seu, ou ela pode se dedicar a uma causa e defendê-la para o resto de sua vida. Ela pode

escrever um livro e até viajar de balão pelo mundo.

O futuro se molda, acompanha traços que não vemos. São linhas imaginárias controladas por dedos inesperados. Dedos que apontam para as mais loucas aventuras e as mais amargas decepções. Não se sabe para onde irá apontar amanhã.

A única certeza possível de ser vislumbrada para o futuro é que a multidão de jornalistas incríveis amanhã terá mais um nome,

Amanda Leal.

É preciso coragem e ser gentil

Jyeniffer era uma jovem jornalista em ascensão na carreira. Apesar de trabalhar em um pequeno jornal impresso de Goiânia, suas matérias interessavam um público cativo e cada vez maior. Escrever era seu hobby e seu compromisso mais importante estava entrelaçado em sua vida de ponta a ponta, num ângulo de 360°, seu ponto de partida e chegada. Como uma grande artista que combina cores harmoniosamente em um quadro, as palavras mais bonitas eram vazias de significado se não estivessem em seu texto. Não havia necessidade de uma palavra existir em um mundo onde Jyeniffer não a usaria em um texto, seria uma perda de tempo.

Adolescentes e idosos, todos sabiam seu nome na ponta da língua – talvez não soubessem escrever, mas isso só a mãe e a própria Jyeniffer sabiam. Ela era conhecida como a moça gentil e corajosa que escrevia textos lindos mas, se só a beleza importasse, ela não seria jornalista e sim poetisa. Seu trabalho ia além de encantar, era como uma sereia de contos de fadas que atraía

um pescador cansado com suas palavras para depois envolvê-lo em uma ideia. Sem saída, o cativo podia apenas ouvir e ruminar, transmitir aquela ideia para outros pescadores cansados. Assim sua voz germinava na cabeça de muitas pessoas, fazia com que pensassem, pior, fazia com que questionassem.

Um belo dia Jyeniffer foi demitida do pequeno jornal, algo inesperado para a jovem, que imaginava estar fazendo um bom trabalho. Sem muitas explicações, todas as suas coisas foram colocadas em uma caixa de papelão. Na verdade, apenas as coisas materiais. Suas histórias, sua dedicação e, principalmente, suas palavras não podiam ser encaixotadas, elas pairavam no ar quase onipresentes, tinham cheiro e gosto de sonho, mas não qualquer sonho, um sonho alcançável.

Passaram-se dias, semanas, até alguns meses e a jornalista não conseguia um novo emprego. As coisas estavam difíceis para todo mundo, ninguém sabia melhor que ela. Numa última tentativa, Jyeniffer foi a uma entrevista de emprego no grande jornal “A Voz do Povo”. De início, foi bem recebida, mas logo depois veio o baque. Não poderia escrever mais matérias longas nem explorar sua criatividade. Para a vaga queriam alguém que apenas republicasse matérias frias de outros veículos.

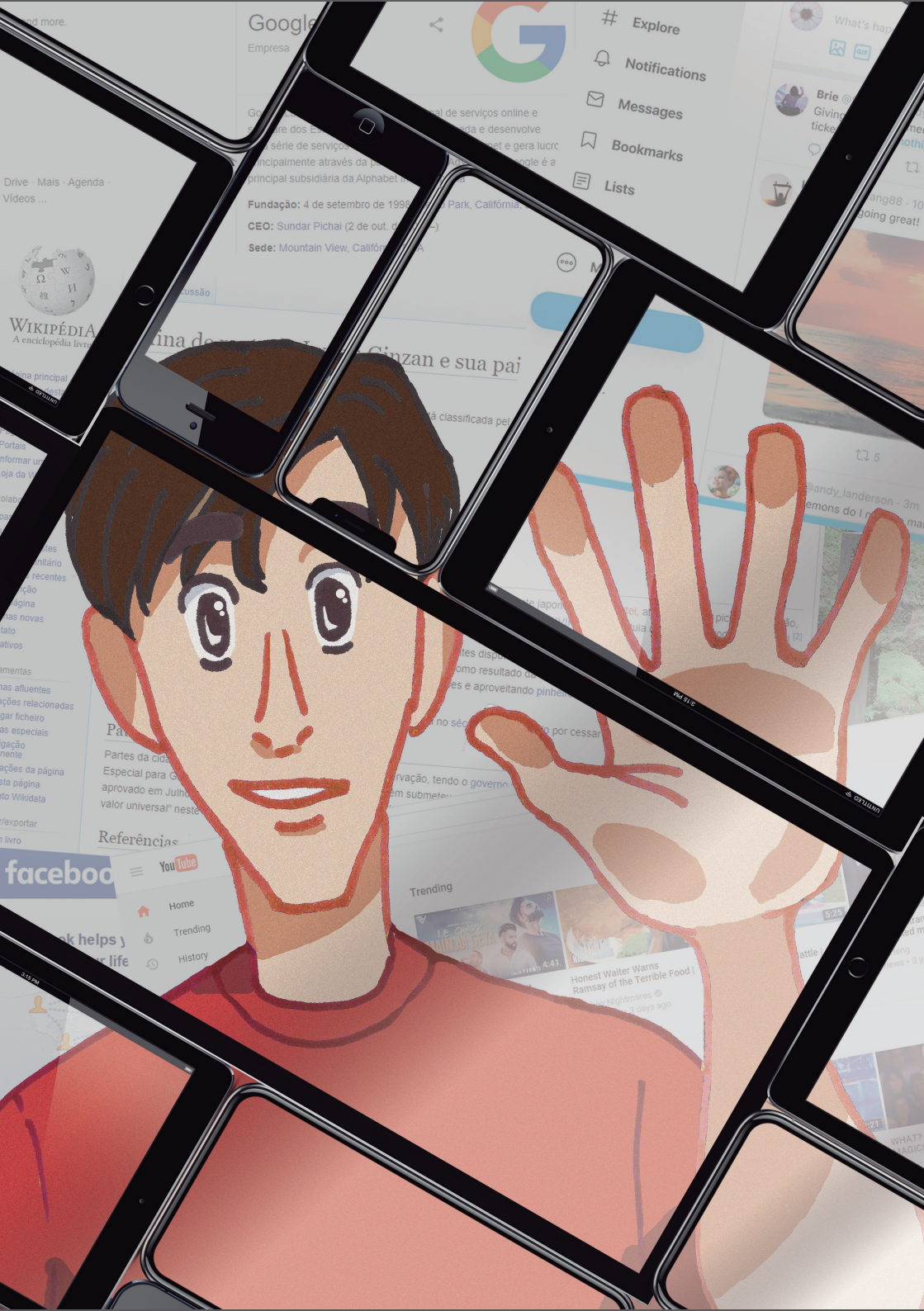
“Republicar?”, pensou ela, atônita. E as informações, a apuração, o contato com o público, onde entraria

tudo isso? Sem muitas alternativas, a jovem aceitou esse trabalho infeliz, pensando que o tempo faria seus chefes darem mais espaço para suas ideias.

Como ela estava enganada! Passavam-se os minutos, as horas e o dia todo. Todo dia tudo o que ela fazia era procurar matérias de outros jornais para publicar. Ela não se via nas palavras de outros jornalistas, não se via nos textos, nas entrevistas, nos enfoques, ela não se via. A pele já estava pálida, o castanho dos olhos não brilhava como antes e a boca esbranquiçada já não se lembrava como sorrir. Ela tornou-se seu pior pesadelo, uma Jhenifer, genérica, comum e vazia.

Antes que seu último suspiro a levasse embora para morar com as estrelas, tomou uma medida drástica, pediu demissão. Dessa vez, sem caixa de papelão. Os braços livres, cabelos soltos, olhava para as pessoas com um novo fôlego. Havia tanta coisa no mundo, tanto para se falar, infinitas possibilidades para explorar. Faltava uma coisa para que tudo voltasse aos trilhos.

Muito confiante, passou seu batom vermelho, os lábios agora sorriam expressivos. Era Jyeniffer de novo e desta vez o mundo teria que se preparar, pois a sereia tornou-se uma guerreira e a batalha estava longe de acabar.



Google



- # Explore
- Notifications
- Messages
- Bookmarks
- Lists

Empre...
 Go... de serviços online e...
 série de serviços... e desenvolve...
 principalmente através da...
 principal subsidiária da Alphabet...

Fundação: 4 de setembro de 1998... Park, Califórnia
 CEO: Sundar Pichai (2 de out. de 2015...)
 Sede: Mountain View, Califórnia...



WIKIPÉDIA

A enciclopédia livre

Principais

Por favor

olá

as

recentes

ção

as novas

ativos

entas

as afluentes

ções relacionadas

gar ficheiro

as especiais

gação

mente

ações da página

esta página

ina de...
Cinzan e sua pai

á classificada pe...

le lepor...

es dispo...

omo resultado de...

es e aproveitando pin...

no sé...

ção, tendo o governo...

em submete...

Referências

facebook

Home

Trending

History

Trending



Honest Water Warns Ramsay of the Terrible Food |

nightmares

days ago

WHAT?

MAGICI...